

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO (CBG)

JULIANA FERNANDA COLAÇO DE LIMA

MANUSCRITOS DA FÉ SOB UMA LUPA:

aspectos da Bibliografia Material face à Coleção de Livros de Horas da Fundação Biblioteca
Nacional (Brasil)

Rio de Janeiro

2020

JULIANA FERNANDA COLAÇO DE LIMA

MANUSCRITOS DA FÉ SOB UMA LUPA:

aspectos da Bibliografia Material face à Coleção de Livros de Horas da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil)

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação.

Orientador: Prof. Dr. Andre Vieira de Freitas Araujo

Rio de Janeiro

2020

Ficha catalográfica

FL732m Fernanda Colaço de Lima, Juliana
Manuscritos da fé sob uma lupa: aspectos da
Bibliografia Material face à Coleção de Livros de
Horas da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil) /
Juliana Fernanda Colaço de Lima. -- Rio de Janeiro,
2020.
100 f.

Orientador: Andre Vieira de Freitas Araujo.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Administração e Ciências Contábeis, Bacharel em
Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação,
2020.

1. Bibliografia Material. 2. Descrição
bibliográfica. 3. Manuscritos medievais. 4. Livros
de Horas. 5. Fundação Biblioteca Nacional (Brasil).
I. Vieira de Freitas Araujo, Andre , orient. II.
Titulo.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

JULIANA FERNANDA COLAÇO DE LIMA

MANUSCRITOS DA FÉ SOB UMA LUPA:

aspectos da Bibliografia Material face à Coleção de Livros de Horas da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil)

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação.

Rio de Janeiro, 09 de novembro de 2020.

Prof. Dr. Andre Vieira de Freitas Araujo (UFRJ)
Orientador (a)

Prof. Dr. Antonio José Barbosa de Oliveira (UFRJ)
Membro interno

Prof. Ms. Diná Marques Pereira Araújo (UFMG)
Membro externo

A Deus, nosso pai criador e espero que este trabalho seja um instrumento de sua paz.

A São Bento, meu guia espiritual te dedico também este trabalho com muita fé e gratidão.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus e a São Bento, por me proporcionar proteção e perseverança durante toda minha vida e sempre me mostrar o caminho certo.

Agradeço aos meus pais pelo dom da vida, pelo apoio incondicional, pelo incentivo e pelo imenso amor que serviu de alicerce para todas as minhas realizações. À minha mãe Dagmar, que sempre esteve ao meu lado cuidando de mim em todos os momentos difíceis que passei ao longo da graduação. Ao meu pai Severino, minha eterna gratidão por todos os dias desejar boas energias e me incentivando a trilhar novos objetivos de vida, onde sempre reforçou a importância de estudar com muito amor aquilo que eu mais gosto, e também, de sempre buscar novas oportunidades que possam me fazer feliz. Vocês dois são meus exemplos de amor e de cuidado.

Gostaria de agradecer também, a uma pessoa muito especial para mim ao longo desses 11 anos de companheirismo. Ao meu esposo Rafael, agradeço por cada dia o cuidado, o amor, o incentivo, o apoio e principalmente, pela compreensão em vários momentos em que estive ausente por conta da minha trajetória acadêmica e que com certeza, é um caminho desafiador que estamos trilhando juntos. Com você, a vida é mais leve e cheia de alegria.

Além disso, ao longo da graduação pude contar com diversas pessoas que me ajudaram e contribuíram positivamente no meu percurso acadêmico e profissional. Agradeço pelas palavras, pelos gestos e por todos os momentos de troca de ideias e de experiências para a área da Biblioteconomia. Agradeço ao Fred do Arquivo Histórico do Itamaraty, pela oportunidade de trilhar o início da minha trajetória profissional e agradeço à Cida por todas as conversas, te agradeço por ser uma pessoa carinhosa e divertida comigo. À Biblioteca da Marinha, agradeço à minha querida Rosane pela parceria de trabalho, e por todas as conversas divertidas no trabalho e onde vou lembrar de você com muito carinho. O meu agradecimento também vai para as tenentes Jéssica Nascimento e Alessa Ceslinski, obrigada pelo suporte e aprendizado de cada dia.

Agradeço também, aos colegas de profissão do MAST, Fundação Biblioteca Nacional e CLAC. Vocês sempre estiveram comigo ao longo desta jornada, sejam nos cursos ou eventos que participei ao longo dos anos.

Agradeço a minha amiga muito querida que ganhou todo o meu carinho, se tornou minha parceira de trabalho, é a minha amiga da UNIRIO. Obrigada Fernanda Mendes pela sua amizade, parceria, por todas as alegrias, te agradeço também, pelo ombro amigo nas

dificuldades com o estágio e problemas na vida acadêmica. Obrigada por tudo, e com você, aprendi muito. Minha amiga para a vida, obrigada por existir.

Agradeço aos meus amigos da graduação: Eduardo Amaral, Laryssa Novato, Fernanda Leal, Fernanda Bloomfield, Mylene Paula, Pâmela Viana, Paulo Rogério, Pedro Tostes, Thamires Nascimento, Wesley Pontes e Yasmym Moraes. Muito obrigada por todas as conversas ao longo desses anos de graduação, obrigada por todas as festinhas de aniversário, e piquenique no gramado de letras. Obrigada também por todos os momentos de choro e de desespero durante as provas, por aguentarem meus surtos e crises de nervosismo. Agradeço também, por todas as palavras de carinho, pela união desse grupo que chamamos desde o primeiro período de “Biblio Bonde”.

Agradeço aos meus professores da graduação Marianna Zattar, Nadir Alves e Robson Costa, obrigada por me presentear com suas experiências, seus desafios e conhecimento de uma forma que jamais esquecerei.

Agradeço também aos professores que ministraram aulas para mim em cursos ao longo da minha graduação. Agradeço aos professores Fábio Frohwein e Fabiano Cataldo de Azevedo por ser exemplos de professores dedicados à profissão e aos seus alunos.

Agradeço em especial ao meu orientador, Andre Vieira de Freitas Araujo, que desde o quarto período de curso me ensinou e compartilhou comigo suas experiências em seu percurso acadêmico. É o único professor que me fez amar e admirar tanto uma disciplina como a História do Registro da Informação. Através do seu domínio também nos estudos do campo da Bibliografia, pude encontrar e trilhar o meu caminho na área da pesquisa, através dos seus apontamentos, questionamentos e sábias palavras nos momentos que eu estive em dúvida, me ajudou a construir um caminho feliz na pesquisa. Você além de sempre me inspirar, é o meu motivo de orgulho. Obrigada pela paciência e parceria de trabalho. Obrigada por tudo.

Agradeço à banca, composta pela bibliotecária Diná Marques Pereira Araújo e ao professor Antonio José Barbosa de Oliveira. Agradeço pela disponibilidade, pelo interesse de participar e de colaborar com esta pesquisa mesmo em tempos difíceis como este. Agradeço o tempo dedicado à leitura e pelas contribuições. Logo, terá uma grande importância para a continuidade desta pesquisa. Muito obrigada.

Cada um desses agradecimentos, é de grande valor para mim, o que torna muito importante para este trabalho. É um momento dedicado às pessoas que fazem parte dessa trajetória. A todos vocês, a minha gratidão, respeito e afeto.

Viva à História do Livro! Viva à Bibliografia!

“Você pode achar que manuscritos são coisas antigas, que interessariam à sua avó, mas na verdade são objetos fascinantes, muito reais, que existem em grande quantidade ao redor do mundo. Não são tão raros. Qualquer um pode fazer descobertas.”

(Christopher de Hamel)

RESUMO

A Bibliografia possui, desde a Antiguidade até os dias atuais, uma dimensão histórica e aplicada onde se ocupa do mapeamento e da representação da informação. A Bibliografia Material é uma de suas vertentes e que tem como propósito, o estudo da materialidade do livro, ocupando-se da análise e da descrição de suas características intrínsecas e extrínsecas. Com isso, podemos identificar que a Bibliografia esteve sempre presente em acervos de memória e de coleções antigas seja como teoria, como um método ou produto do tratamento documental. Esta pesquisa tem como objetivo apresentar alguns dos aspectos da Bibliografia Material face à Coleção de Livros de Horas da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Para tanto, foi realizada revisão de literatura no âmbito da temática da Bibliografia Material (BOWERS, 1962; GASKELL, 1999; HARMON, 1981), a partir de livros, artigos, periódicos e consulta em base de dados evidenciando a natureza teórica da pesquisa. Como percurso metodológico complementar, a pesquisa mapeou e evidenciou alguns instrumentos de pesquisa que se ocuparam da representação da Coleção de Livros de Horas da Fundação Biblioteca Nacional (BNDIGITAL, 2020; FAILLACE, 2016; MANUSCRITOS..., 1973), com vistas a formular possíveis contribuições da Bibliografia Material a esta Coleção. Conclui-se que a Bibliografia Material contribui para observação mais apurada dos seguintes elementos que contornam a Coleção de Livros de Horas da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil): a) elementos da História do Livro (sua dimensão social e cultural); b) elementos da produção do livro; c) elementos referentes à descrição dos aspectos gráficos e materiais da edição; d) elementos referentes à descrição dos aspectos formais do exemplar.

Palavras-chave: Bibliografia Material. Descrição bibliográfica. Manuscritos medievais. Livro de Horas. Fundação Biblioteca Nacional (Brasil).

ABSTRACT

Bibliography has, from antiquity to the present day, a historical and applied dimension where it deals with mapping and representing information. The Material Bibliography is one of its aspects and its purpose is to study the materiality of the book, dealing with the analysis and description of its intrinsic and extrinsic characteristics. With this, we can identify that the Bibliography has always been present in collections of memory and ancient collections, either as theory, as a method or product of documentary treatment. This research aims to present some aspects of the Material Bibliography in view of to the Collection of Books of Hours of the Fundação Biblioteca Nacional (Brazil). To this end, a literature review was carried out within the scope of the Material Bibliography (BOWERS, 1962; GASKELL, 1999; HARMON, 1981), based on books, articles, periodicals and consultation in a database showing the theoretical nature of the research. As a complementary methodological path, the research mapped and highlighted some research instruments that dealt with the representation of the Fundação Biblioteca Nacional Books of hours Collection (BNDIGITAL, 2020; FAILLACE, 2016; MANUSCRITOS..., 1973), with a view to formulating possible contributions from the Material Bibliography to this Collection. It is concluded that the Material Bibliography contributes to a more accurate observation of the following elements that surround the Collection of Books of Hours of the Fundação Biblioteca Nacional (Brazil): a) elements of the History of the Book (its social and cultural dimension); b) elements of the production of the book; c) elements related to the description of the graphic and material aspects of the edition; d) elements referring to the description of the formal aspects of the specimen.

Keywords: Material Bibliography. Bibliographic description. Medieval manuscripts. Book of Hours. Fundação Biblioteca Nacional (Brazil).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - <i>Scriptorium</i> no Medievo	49
Figura 2 - Escriba transcreve um manuscrito	50
Figura 3 - Pigmentos medievais	50
Figura 4 - Instrumentos para a escrita	52
Figura 5 - À esquerda, encadernação das Três Riches Heures do duque de Berry(Séc.XVIII) e a direita, encadernação do Livro de orações de Rothschild (Séc. XIX)	53
Figura 6 - A Natividade nas Horas de Spinola (Séc. IX)	54
Figura 7 - Letra Capitular de um manuscrito	55
Figura 8 - Calendário nas Horas de Joana de Navarra (Séc. XIV).....	57
Figura 9 - Coleção de Livros de Horas (Séc. XII-XVIII) na Base de Dados <i>BNDIGITAL</i> (parte1)	59
Figura 10 - Coleção de Livros de Horas (Séc. XII-XVIII) na Base de Dados <i>BNDIGITAL</i> (parte2)	59
Figura 11 - Coleção de Livros de Horas (Séc. XII-XVIII) na Base de Dados <i>BNDIGITAL</i> (parte3)	60
Figura 12 - A Anunciação no Livro de Horas, uso de Paris (1460-1470).....	61
Figura 13 - São Jorge no Livro de Horas, uso de Sarum (1450-1460).....	62
Figura 14 – Encadernação e folha de guarda do Livro de Horas, uso de Rouen (1460-1470)	63
Figura 15 - Catálogo da Biblioteca Nacional (1973), Manuscritos (Séc. XII-XVIII).....	68
Figura 16 - Catálogo dos Livros de Horas da Biblioteca Nacional do Brasil (2016), descrição do Livro de Horas, uso de Auxerre (1480 e 1490) (parte 1)	70
Figura 17 - Catálogo dos Livros de Horas da Biblioteca Nacional do Brasil (2016), descrição do Livro de Horas, uso de Auxerre (1480 e 1490) (parte 2)	71
Figura 18 - Catálogo dos Livros de Horas da Biblioteca Nacional do Brasil (2016), descrição do Livro de Horas, uso de Auxerre (1480 e 1490) (parte 3)	72
Figura 19 - Catálogo dos Livros de Horas da Biblioteca Nacional do Brasil (2016), descrição do Livro de Horas, uso de Auxerre (1480 e 1490) (parte 4)	73
Figura 20 - Catálogo dos Livros de Horas da Biblioteca Nacional do Brasil (2016), descrição do Livro de Horas, uso de Auxerre (1480 e 1490) (parte 5)	74

Figura 21 - Registro do Livro de Horas, uso de Auxerre (1480 e 1490) na Base de Dados <i>BNDIGITAL</i> (parte 1)	76
Figura 22- Registro do Livro de Horas, uso de Auxerre (1480 e 1490) na Base de Dados <i>BNDIGITAL</i> (parte 2)	76

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABREM	Associação Brasileira de Estudos Medievais
BRAPCI	Base de Dados em Ciência da Informação
LATHIMM	Laboratório de Teoria e História das Mídias Medievais
ODLIS	Online Dictionary for Library and Information Science

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
1.1	Justificativa	17
1.2	Objetivos	19
1.2.1	Objetivo geral	20
1.2.2	Objetivos específicos	20
2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	21
2.1	Campo da pesquisa	21
2.2	Técnicas de coleta e análise de dados	21
2.3	Amostras e fontes	22
3	REFERENCIAL TEÓRICO	23
3.1	Bibliografia	23
3.1.1	Breves aspectos históricos	26
3.1.2	Vertentes e tipologias da Bibliografia	37
3.1.3	Bibliografia Material	40
3.2	O Livro de Horas	45
3.2.1	Dimensão histórica e cultural	46
3.2.2	Aspectos estéticos e documentais do Livro de Horas	48
3.2.3	Coleção de Livros de Horas da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil)	58
3.3	Possíveis contribuições da Bibliografia Material à Coleção de Livros de Horas da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil)	64
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
	REFERÊNCIAS	83
	ANEXO A - Iluminura e manuscritos preciosos (Manuscritos Séc. XII-XVIII, 1973, p. 1-7.)	88

ANEXO B -Descrição dos Livros de Horas (Catálogo dos Livros de Horas da Fundação Biblioteca Nacional do Brasil, 2016, p.85-87)	97
--	----

1 INTRODUÇÃO

“Não existe acesso ao passado sem mediação”.

(Robert Darnton)

A Bibliografia se constitui de formas teóricas e instrumentais, onde sua importância é o tratamento do documento, da informação e de tudo aquilo que é produzido pela sociedade. “Desde o início, o objetivo da Bibliografia foi criar uma ordem significativa entre os registros da experiência humana.” (HARMON, 1981, p. 4, tradução nossa).

Além disso, é importante ressaltar que a Bibliografia como um método instrumental foi muito aplicado no período da Idade Moderna para tratamento de impressos.

Todavia, esta pesquisa preliminar parte do princípio de que as práticas da Bibliografia são de origem antiga e ressalta sua importância para a aplicação de seus métodos descritivos para manuscritos medievais, juntamente com a História do Livro e a Ciência da Informação, duas áreas que compartilham características interdisciplinares¹ que visam o tratamento informacional.

Entretanto, como objeto desta pesquisa, temos a Coleção de Livros de Horas da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), manuscritos criados por devotos durante o período da Idade Média e que caracterizam por serem objetos preciosos no seu sentido material e de sua temática, uma importante fonte de devoção para a sociedade do Medievo. A partir dessa temática aqui apresentado, o estudo expõe como problema a seguinte questão: Quais seriam alguns dos aspectos da Bibliografia Material face à Coleção de Livros Horas da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil)?

Em contrapartida, através do desenvolvimento dessa pesquisa e o que vai compor de melhor forma este trabalho, é uma divisão em três capítulos principais, compondo o referencial teórico, organizado justamente com o intuito de expor os conceitos e as informações necessárias para que se possa alcançar o problema de pesquisa.

No primeiro capítulo da pesquisa intitulado “**Bibliografia**”, serão discutidos os conceitos da palavra Bibliografia e sua origem. Além dos conceitos abordados, nota-se a importância de uma breve discussão histórica acerca da Bibliografia para então estabelecer

¹ Todavia esta pesquisa entende também que ao estudar coleções antigas como esta, nota-se algumas áreas além da esfera interdisciplinar da Bibliografia e a Codicologia. Com isso, há uma transdisciplinaridade através da Bibliologia, da Paleografia, da Filologia, dentre outros saberes.

todas as suas dimensões. Com isso, este capítulo pretende evidenciar as principais vertentes e tipologias da Bibliografia trazida por alguns autores estrangeiros e nacionais para ser discutido não de forma absoluta, mas com o propósito de fortalecer a base teórica e destacar a vertente que este trabalho vai seguir que é a Bibliografia Material.

No segundo capítulo chamado “**O Livro de Horas**”, tem o intuito de estudar as questões históricas e culturais dos Livros de Horas relacionando a origem e seus principais aspectos estéticos e documentais, para que possa posteriormente no decorrer deste capítulo, através dos conceitos abordados, propor um debate sobre os principais aspectos presentes na Coleção de Livros de Horas para fomentar a base teórica e instrumental do capítulo que vem a seguir.

Por fim, no terceiro capítulo, “**Possíveis contribuições da Bibliografia Material à Coleção de Livros de Horas da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil)**” é uma breve discussão sobre os princípios teóricos e metodológicos da Bibliografia Material na Coleção de Livros de Horas da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Neste capítulo, será discutido também alguns conceitos relacionados à Codicologia a fim de propor um enlace entre as duas disciplinas para então, somar com os estudos em curso sobre a Bibliografia Material.

1.1 Justificativa

*“Em algum lugar da biblioteca há uma página
que foi escrita somente para nós.”*

(Alberto Manguel)

Este trabalho visa a importância de trazer discussões do passado entorno das práticas bibliográficas para o contexto atual reforçando assim, a necessidade de trazer a Bibliografia Material como uma abordagem aplicado à descrição bibliográfica de manuscritos medievais, buscando refletir sobre as diversas formas de representação da informação das instituições que detém a guarda de coleções antigas.

A pesquisa contribui para os estudos de História do Livro e da Ciência da Informação, em especial para o campo documentário e informacional propondo assim, uma tentativa de reflexão sobre as aplicações dos princípios teóricos e metodológicos da Bibliografia Material para a descrição bibliográfica da Coleção de Livros de Horas onde se dá uma importância do

ponto de vista descritivo e analítico no estudo direto das raridades bibliográficas que estão conservados na atualidade.

Este estudo se justifica também, através da percepção que há entorno dos métodos utilizados para análise e descrição de manuscritos e impressos onde o estudo do manuscrito está associado à Codicologia², e o impresso ao estudo da Bibliografia³. Entretanto, esta pesquisa tem o intuito de mostrar a importância do estudo da Bibliografia e sua vertente da Bibliografia Material mostrando assim, uma outra possibilidade, um outro horizonte metodológico através da Bibliografia Material, com a descrição analítica através dos seus métodos para o tratamento da informação, e que em sua teoria nos revela, uma outra forma de serem aplicados para a descrição de manuscritos.

O que nos mostra também, uma possibilidade de se atribuir um outro método além da Codicologia para o estudo⁴ de manuscritos. Entretanto, vale ressaltar que este trabalho de forma alguma visa utilizar a Bibliografia Material para se sobrepor a outro método. Além disso, esta pesquisa de caráter experimental buscará através dos conceitos e das práticas da Bibliografia Material trazidas por autores da área, a oportunidade de abrir outro leque de possibilidades em busca da valorização da Bibliografia, do estudo da materialidade do livro e de suas práticas e que muitas vezes, infelizmente, é esquecida pela nossa própria profissão.

Todos os documentos, manuscritos e impressos, são da província do bibliógrafo; e pode-se acrescentar que os objetivos e procedimentos da bibliografia se aplicam não apenas a livros escritos e impressos, mas também a qualquer documento, disco, fita ou filme em que a reprodução esteja envolvida e que possam resultar em versões variantes. (GASKELL, 1995, p. 1, tradução nossa).

Para a Biblioteconomia, é uma oportunidade para o estudo e da atuação dessa vertente para o tratamento da informação em diferentes suportes, métodos entorno da organização da informação. Reforça ainda a Biblioteconomia como uma disciplina interdisciplinar e de

² Codicologia é a disciplina que estuda os documentos manuscritos ou impressos, tanto em pergaminho quanto em papel, encadernados em formato de livro. Codicografia – códice (códex). (CUNHA;CAVALCANTI, 2008, p. 88).

³ Até este momento, não foi encontrado a Bibliografia e também a sua vertente Bibliografia Material, aplicada à manuscritos medievais deixando para este trabalho, um espaço para tais discussões.

⁴ Uma referência de estudo na área, é o livro de RUÍZ GARCÍA, Elisa. **Hacia una semiología de la escritura**. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez; Pirámide, 1992.

Um trabalho interessante de descrição codicológica podemos encontrar: DO MONTE, Vanessa Martins. Uma descrição codicológica: documentos setecentistas. **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 10-11, p. 103-120, 2009. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59818>>. Acesso em: 20 set. 2020.

caráter social por excelência e os estudos e práticas da Bibliografia em si, estão escassas, desaparecidas e o que se tem ideia da Bibliografia muitas vezes, é uma simples relação de lista de livros. Entretanto, a Bibliografia está muito além disso, e esta pesquisa tem o propósito de deixar um espaço para ressaltar a importância de um estudo cada vez mais rigoroso do livro no que diz respeito à dimensão física, à materialidade podendo tornar a Bibliografia como um produto documental da organização do conhecimento, resultado de um estudo historiográfico das teorias, das práticas e da informação. O que afirma Araujo (2015), “[...] a Bibliografia é uma disciplina constituída por interfaces teóricas e práticas que, desde sua origem, têm se fundamentado o tratamento documental.”

Outra importante questão, de cunho pessoal, é a admiração que tenho por manuscritos medievais, especialmente por esta categoria de livros devocionais. Os Livros de Horas são instrumentos de práticas sociais, produto cultural do Medievo, produto de uma sociedade oriunda de saberes e práticas religiosas tendo o Livro de Horas como um suporte para tais práticas e através dos seus aspectos estéticos e documentais torna-o assim, objeto de novas práticas de leitura e deixando para os dias atuais, um objeto de raridade com representações do conhecimento da Idade Média.

Além disso, trazer para esta pesquisa teorias e práticas da Bibliografia Material questionamentos estes, trazidos através da disciplina de História do Registro da Informação pois, essa disciplina não é explorada na graduação e com isso, juntamente com esta coleção de manuscritos que tenho a maior admiração e é uma grande oportunidade que tenho nesta pesquisa, de poder trazer esta temática importantíssima para compor este trabalho final de curso.

1.2 Objetivos

Aqui nesta seção, serão expostos os objetivos, tanto o objetivo geral quanto os objetivos específicos. O primeiro objetivo vai ser aquele que guiará o caminho a ser percorrido para solucionar o problema da pesquisa e os objetivos específicos serão os pontos necessários para alcançar o objetivo geral onde serão analisados e respondidos ao longo dos capítulos desta pesquisa.

1.2.1 Objetivo Geral

Apresentar alguns dos aspectos da Bibliografia Material face à Coleção de Livros de Horas da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil).

1.2.2 Objetivos Específicos

- a) Identificar os conceitos de Bibliografia;
- b) Discutir a dimensão histórica e disciplinar da Bibliografia;
- c) Evidenciar as principais vertentes e tipologias da Bibliografia;
- d) Conceituar a Bibliografia Material;
- e) Pontuar os aspectos históricos do Livro de Horas;
- f) Caracterizar de forma geral, o Livro de Horas;
- g) Apresentar e identificar a Coleção de Livros de Horas da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil).

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesses tópicos serão delimitados o campo de pesquisa, as técnicas de coleta e análise de dados e a amostra e fontes, onde irão possibilitar o desenvolvimento desta pesquisa e do problema apresentando assim, como foi elaborada as etapas da pesquisa e a seleção das fontes para o embasamento teórico e instrumental desta pesquisa de forma a compreender como se chegou aos resultados.

2.1 Campo de Pesquisa

O campo escolhido para a pesquisa foi o teórico inferindo-se assim, que a pesquisa será focada em informações de aspectos históricos e conceituais obtidos por meio de revisão da literatura produzida na área delimitada. Dessa forma, foram consultados livros, artigos científicos, dicionários, consultas em bases de dados. Esta pesquisa evidencia-se também, um caráter instrumental tendo a Coleção de Livros de Horas da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil) como o objeto e fonte da pesquisa.

2.2 Técnicas de Coleta e Análise de Dados

Para a coleta de dados, esta pesquisa foi baseada em leitura exaustiva das fontes devidamente referenciadas onde tentou-se obter as informações mais importantes para cada questão ressaltada nos capítulos. Para a obtenção do material, foi utilizado o Google Acadêmico buscando temáticas que envolvessem Ciência da Informação, História do Livro, Bibliografia, Bibliografia Material e Codicologia.

Consulta no site do LATHIMM⁵ para o acesso à produção bibliográfica sobre estudos de manuscritos medievais, consulta à revista SIGNUM da ABREM⁶, para a busca de artigos científicos sobre Idade Média, consulta aos periódicos do Portal da CAPES, utilizando palavras-chave sobre “Manuscritos Medievais”, “Livros de Horas”, “Bibliografia”, “Bibliografia Material”, “Codicologia” e a consulta ao acervo digital da biblioteca digital da

⁵ LATHIMM é o nome do laboratório de teoria e história das mídias medievais. Disponível em: <<http://lathimm.fflch.usp.br/>>

⁶ Signum é o nome da Revista da ABREM (Associação Brasileira de Estudos Medievais).

OPEN LIBRARY⁷. Além disso, foi feita a análise do Catálogo de Manuscritos de 1973, do Catálogo de Livros de Horas de 2016, e do Registro Bibliográfico da Coleção de Livros de Horas. Todos estes catálogos e registros, encontram-se disponíveis no site da BNDIGITAL⁸ da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), juntamente com suas imagens digitalizadas e disponibilizadas nesta base de dados da instituição e para o qual, utilizaremos neste trabalho. Demais fontes foram consultadas e destacaram-se as partes mais importantes para fundamentar esta pesquisa e sendo assim, encontram-se também, especificadas no tópico Referências.

2.3 Amostras e Fontes

Diversos autores nacionais e estrangeiros foram analisados para compor o referencial teórico desta pesquisa, sendo grande parte da década de 1980 e 1990, destacando-se como um período importante de publicações sobre a Bibliografia e suas vertentes. Com base na temática deste trabalho, em especial a Bibliografia Material destacando-se por seus pensamentos e produções bibliográficas: *Nueva Introducción a la Bibliografía Material* de Phillip Gaskell; *Principles of Bibliographical Description* de Fredson Bowers e *Elements of bibliography: a simplified approach* de Robert Bartlett Harmon. Diversas fontes foram utilizadas como artigos, como também, o dicionário da Biblioteconomia e da Ciência da informação para a consulta. Além disso, foi utilizado os seguintes instrumentos de pesquisa: *Manuscritos, Sécs. XII-XVIII: pergaminhos iluminados e documentos preciosos* da Fundação Biblioteca Nacional; *Catálogo dos Livros de Horas da Biblioteca Nacional do Brasil* de Vera Lúcia Miranda Faillace e o *Registro do Livro de Horas, uso de Auxerre (1480 e 1490)* na Base de Dados BNDIGITAL. Contudo, é importante frisar que as bibliografias citadas neste trabalho, são poucas no idioma português, e destacam-se assim, outros idiomas como o inglês, espanhol, e francês, fator este, devido aos primórdios do estudo bibliográfico onde tem o foco maior na Europa incluindo também, a sua vertente a Bibliografia Material.

⁷ OPEN LIBRARY é uma Biblioteca Aberta fruto de uma iniciativa do *Internet Archive*, uma organização sem fins lucrativos, construindo uma biblioteca digital de sites da Internet e outros artefatos culturais em formato digital. (OPEN LIBRARY, 2020, online). Disponível em: <<https://openlibrary.org/>>.

⁸ BNDIGITAL é uma base da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil) que reúne e disponibiliza documentos por meio da digitalização em domínio público via internet. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital/>>.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico explora as referências e onde serão apresentados os conceitos, as bases teóricas e instrumentais para as discussões que serão estabelecidas buscando assim, apresentar o que a literatura dessas áreas poderá oferecer para a pesquisa.

3.1 Bibliografia

“O Livro é uma extensão da memória e da imaginação”.

(Jorge Luis Borges)

A Bibliografia hoje tem múltiplos significados atribuídos ao termo, ou seja, a Bibliografia não é um simples assunto. Este termo está relacionado a outros grupos de assuntos que geralmente, referem-se ao mesmo termo. Além disso, é difícil definir com exatidão o que vem a ser Bibliografia. Pode-se dizer também, que a Bibliografia se relaciona com o estudo do livro como um objeto material, ou seja, a Bibliografia não está conectada somente com o conteúdo do livro, mas sim, está atrelada com as características físicas, através dos elementos intrínsecos e extrínsecos presentes no livro.

Para muitos autores também, a Bibliografia pode ser qualquer meio de descrição bibliográfica como também pode ser o próprio registro. Ou seja, podemos entender que a Bibliografia pode ser tanto um método quanto um produto. Entretanto, é importante estabelecer para esta pesquisa, algumas abordagens entorno dos seus principais conceitos.

O primeiro conceito trazido pelo Dicionário do Livro, a *Bibliografia* tem a sua palavra na origem grega, *biblion* que significa livro e *graphein* que significa escrever, utilizada assim, no sentido do *ato de escrever* e que posteriormente, passou a ser sobre *escrever sobre livros*. (FARIA; PERICÃO, 2008).

Entretanto, podemos adquirir outro conceito muito interessante ao descrever a etimologia da palavra Bibliografia, destacando-se assim, com a aparição e consolidação da imprensa, quando se fala *biblion*, tem-se em mente o livro impresso, porém é indispensável levar em conta que quando os gregos empregavam *biblion* faziam alusão ao que hoje se

designa *obra*, entendida como *volume* ou *volumes* que contém um trabalho literário completo. (MORALES LÓPEZ, 2008, p. 18 apud TOLENTINO; ORTEGA, 2016, p. 8)

Outro conceito muito interessante trazido por Harmon (1981) nos mostra que a Bibliografia foi originalmente definida como: *a escrita mecânica e a transcrição de livros*, mas não sua *construção*. Além disso, posteriormente, foi incluída a *composição*.

Esse significado persistiu até o século XVIII, quando na França seu significado mudou da “escrita de livros” para a “escrita sobre livros”. Esse novo significado não demorou muito para ser aceito em toda a França e, como é óbvio, em países como a Alemanha e a Inglaterra. Hoje, o estudo da Bibliografia está relacionado com outro veículo de ideias, além de livros. Microformas, filmes, gravações, fitas de vídeo e outros objetos podem ser estudados bibliograficamente. (HARMON, 1981, p. 2, tradução nossa).

Podemos associar mais uma vez que a Bibliografia com suas interfaces e práticas, vão fazer com que outros materiais além dos livros, possam ser estudados entorno dos seus métodos.

Além do significado da palavra, Esdaile (1958), Harmon (1981) nos mostra que a Bibliografia pode ser entendida também como uma Arte e uma Ciência. A Bibliografia é a arte no sentido de *gravar livros*, onde está relacionado com *à própria produção de livros e de seus registros existentes*. A aplicação dos seus métodos nas produções de livros e de seus registros vão se constituir uma Ciência e a Arte, está relacionado com a apresentação do registro.

Ainda nesta mesma perspectiva, Harmon (1981) discute também sobre a Bibliografia ser uma ciência contribuinte ou uma arte prática. Ressalta que “[...]ciência significa método e arte significa apresentação com apresentação efetiva.” (HARMON, 1981, p. 4, tradução nossa). Está relacionada à arte de gravar livros ou outros materiais gráficos e a ciência necessária para isso, é a criação de livros e de seu registro existente.

Segundo Lara (2018), a Bibliografia e o conceito por trás do termo, está relacionado à um termo polissêmico que nomeia produtos, atividades e até um campo disciplinar. Podemos perceber desde então, que o significado e o propósito da Bibliografia, se redireciona ao fato de que ela sempre estará focada no tratamento documental o que podemos relacioná-la também, como uma disciplina.

Observando através do campo disciplinar em que a Bibliografia se constitui, Araujo (2015) relacionou este campo, ao estudo da fisicalidade do livro ou do documento, ou seja, o

estudo da materialidade do livro onde ele se constitui com um objeto. A respeito das interfaces teóricas que o autor se refere, diz respeito a relação do livro quanto ao estudo da sua produção e difusão como todas as formas de mediação.

O que ressalta Gaskell (1995), “[...] bibliografia significa principalmente o estudo de livros como objetos materiais”. Mas também, a Bibliografia foi definida como uma técnica de descrição catalográfica e de classificação bibliotecária. (LARA, 2018, p. 132.).

Tendo visto alguns conceitos entorno da palavra, podemos observar que “[...] a Bibliografia dialoga com as práticas históricas e culturais de catalogação, classificação e indexação documental, ou seja, está intimamente ligada às práticas de organização do conhecimento”. (ARAUJO, 2018, p. 34).

Entretanto, a Bibliografia sendo um produto gerado através de teorias e práticas entorno da organização das informações, é importante frisar a sua importância no âmbito disciplinar, pois essa disciplina se caracteriza como um método de investigação de livros e documentos. Segundo Araujo (2018), a Bibliografia tem diversas funções:

A palavra bibliografia indica a disciplina (Bibliografia), seu objeto de estudo (ligado às teorias e aos métodos de produção de repertórios, esquemas classificatórios, métodos de indexação, aspectos de fisicalidade dos documentos, etc.) e o resultado dos processos documentários (listas/repertórios). (ARAUJO, 2018, p. 33).

Podemos observar que a Bibliografia é uma disciplina constituída de métodos e suas práticas, vão gerar um produto, caracterizado assim, como listas ou repertórios bibliográficos. Ou ainda, “[...] bibliografia é a disciplina que estuda textos enquanto formas registradas e os processos de sua transmissão, incluindo sua produção e recepção.” (MCKENZIE, 2018, p. 25).

Através do fato da Bibliografia também contemplar o estudo dos produtos documentários que levam o seu próprio nome, isto é, as *bibliografias*, estamos diante de uma disciplina chave para a investigação histórica e cultural do tratamento da informação. (ARAUJO, 2015, p. 125).

A Bibliografia é um termo geral e abrangente. É uma camada de muitas cores, com várias formas. Abriga amadores e profissionais, acadêmicos e mecânicos, diletantes e empregados remunerados. Dentro de suas dobras haverá críticos textuais, indexadores e compiladores, historiadores, especialistas em computação, catalogadores, bibliotecários e administradores de referência. (HARMON, 1981, p. 4, tradução nossa).

Permitindo ainda que, segundo Mckenzie (2018), a Bibliografia descreva não apenas os processos técnicos, mas também os processos sociais de sua transmissão. O que cabe a Bibliografia, o estudo dos textos que nem sempre vão estar em livros como o suporte, considera assim, a possibilidade de estudo das mais variadas formas desde sua dimensão física, como de suas diferentes versões textuais.

Contudo, todos estes conceitos distintos apresentados, nos requer uma reflexão historiográfica da Bibliografia enquanto disciplina, enquanto método e produto a fim de demonstrar um pouco, sua construção e evolução ao longo do tempo de modo a entender o quanto que esta palavra tem vários significados através da ampla abordagem de conceitos que este termo possui.

3.1.1 Breves aspectos históricos

Esta sessão, nos sugere uma reflexão acerca da importância historiográfica da Bibliografia para entender toda sua evolução fornecendo assim, um diálogo enriquecedor através de algumas abordagens trazidas por alguns autores e estudiosos da área. E é nesse sentido que, de encontro com o percurso historiográfico e ao delimitar os primórdios do estudo bibliográfico podemos perceber:

Serrai (1975) em seu artigo: *História da biblioteca como evolução de uma ideia e de um sistema*, discute-se o quanto que a civilização humana se forma graças à acumulação das experiências⁹. Este conjunto refere-se, como um conjunto de saberes, de práticas produzidas por uma civilização sofridas pelas gerações que nos precederam. Além disso, esse conjunto de experiências citados pelo autor, nos remete a ideia de todo registro elaborado por essa civilização ao longo dos anos. “A conservação e a transmissão das aquisições elaboradas e complexas somente pode ter lugar mediante registros físicos de tipo permanente, ou pelo menos bastante duradouro”. (SERRAI, 1975, p. 141).

Além disso, podemos refletir de que forma e onde as civilizações organizaram e mantiveram todos esses conjuntos de experiências.

⁹ Esse conjunto de experiências citados pelo autor, vão ser transmitidas à outra geração por meio do registro documental. Sejam eles, documentos, livros, entre outros.

As bibliotecas têm esse ponto de partida: elas se prendem à descoberta da escrita sobre materiais estáveis e leves, os documentos. Tijolos de barro, rolos de papiro, códice de pergaminho têm a mesma função dos livros impressos sobre papel e das fitas magnéticas dos nossos dias. À memória biológica, que pertence à espécie, e à memória cerebral, que é do indivíduo, acrescentou-se a biblioteca, como memória coletiva das experiências existenciais, científicas e culturais, seja no indivíduo, seja na sociedade. (SERRAI, 1975, p. 142).

Com o acúmulo de toda experiência humana produzida nas bibliotecas, cabia então as bibliotecas reunir todos esses conjuntos documentais. Entretanto, Serrai (1975) nos mostra que com o crescimento dessas coleções de documentos, de livros, vai surgir um problema envolvendo a organização e localidade desse acervo. Contudo, há indícios apontados pelo autor, de existir uma necessidade de mudança na sociedade em relação ao sistema bibliotecário onde que “[...] precisa-se, praticamente, de duas operações: uma que permita o rápido encontro dos documentos¹⁰, e a outra, que indique em quais documentos se encontram as indicações e os dados procurados.” (SERRAI, 1975, p. 143).

A Bibliografia buscou desde sempre criar uma ordem significativa entre os registros da experiência humana. É nesse sentido que “[...] a Bibliografia é uma espécie de espelho epistêmico, dentro do qual uma civilização reflete as suas estruturas”. (CRIPPA, 2012, p. 54 apud LARA, 2018, p. 8).

No entanto, “[...] essas funções são desempenhadas de maneira mais ou menos completa e satisfatória conforme as épocas: a histórica das técnicas usadas é a própria História da Biblioteconomia, da Classificação, da Catalogação, das Estruturas Bibliográficas em geral.” (SERRAI, 1975, p. 143). Dentre estas estruturas, podemos identificar a Bibliografia.

A Bibliografia é um instrumento utilizado pelo homem para orientar o acesso e o uso da abundante produção de informação, ao facilitar a recuperação dos conteúdos produzidos e a Bibliografia, se ocupa da representação do escrito, do mapeamento, da organização, do acesso e, portanto, da mediação que uma cultura escrita oferece a si mesma. (TOLENTINO; ORTEGA, 2016, p.8). E que podemos já começar a associar com a necessidade do trabalho da Bibliografia e como ela se apresenta através da sua fisicalidade e de suas funções para a sociedade.

Sendo assim, Harmon (1981) em seu trabalho: *Elements of Bibliography: A Simplified Approach*, identificou e discutiu também a Bibliografia e suas práticas bibliográficas onde a

¹⁰ Funções essas já cumpridas pelo catálogo de autores, e títulos, e pelo catálogo de assunto (SERRAI, 1975, p. 143).

Bibliografia pode ser considerada, entre as profissões mais antigas, pois já existiam bibliotecários, arquivistas e bibliógrafos¹¹ desde que há registros escritos.

Gaskell (1995) percebeu também, que a Bibliografia desde a antiguidade, remonta a ideia de catálogos, índices, repertórios, inventários, ou tudo aquilo que se podia reunir sobre determinado assunto e onde sempre esteve presente nas grandes coleções de livros sendo descritas por bibliógrafos, eruditos da época.

Podemos destacar ainda que, a Bibliografia em seu percurso historiográfico nos mostra que ela é uma disciplina antiga e persistente, ela possui um campo de estudo bem delineado, onde tem sofrido por constante adaptação às novas necessidades e é o que se pode observar da Bibliografia desde a Antiguidade até nos dias de hoje.

Em contrapartida, em um breve histórico, podemos observar alguns aspectos históricos da Bibliografia na Antiguidade, na Idade Média, na Idade Moderna e na Idade Contemporânea.

Sendo assim, o início do estudo bibliográfico e historiográfico no campo da Bibliografia, pode-se destacar, segundo Harmon (1981), com uma primeira prática bibliográfica que remonta à Antiguidade. O autor destaca: “[...] a compilação de catálogos de livros contidos nas grandes coleções dos tempos clássicos, o embrião de uma disciplina aspirante (HARMON, 1981, p. 10, tradução nossa).

Onde refere-se a famosa Biblioteca de Alexandria (Séc. III a.C.), que continha a mais extensa coleção da literatura grega do mundo antigo, pelo menos dois catálogos foram preparados por ordem de Ptolomeu Filadelfo, uma lista de tragédia e outra de comédia (HARMON, 1981, p. 10, tradução nossa).

Ainda na Antiguidade destaca-se uma figura muito importante para a história da Bibliografia. Neste período, surge Calímaco (310 a.C - 240 d.C) bibliotecário da Biblioteca de Alexandria onde compilou um catálogo crítico, chamado de *Pinakes* que incluía os livros mais importantes da biblioteca e organizou-os sob 120 assuntos. (HARMON, 1981, p. 10, tradução nossa). Esse catálogo, é um ótimo exemplo de prática bibliográfica no período da Antiguidade:

No interior de cada seção, os autores eram classificados por ordem alfabética, e cada nome estava acompanhado por uma nota bibliográfica curta completada por uma avaliação crítica dos escritos do autor em questão. [...] Os *Pinakes* tornaram-se rapidamente indispensáveis para os sábios do mundo mediterrâneo, e [...] serviram

¹¹ Bibliógrafo pessoa que compila Bibliografia. (CUNHA;CAVALCANTI, 2008, p. 48).

de modelo para outras nomenclaturas da mesma ordem. Sua influência ainda se faz sentir na Idade Média, em seu magnífico equivalente árabe do século X, O Índice (El-Fihrist) de Ibn al-Nadim, que temos a sorte de ter podido conservar intacto. (TSM, p.123 apud BARBIER, 2016, p. 47).

Através da Biblioteca de Alexandria, já é possível identificar, uma preocupação com a forma da organização de toda informação, e o trabalho focado justamente na organização e na representação das informações.

Esse procedimento supunha o estabelecimento de um sistema de referências, na medida em que um único e mesmo autor poderia figurar em diferentes rúbricas, e a hipótese foi a proposta, segundo a qual um segundo catálogo teria sido estabelecido: um índice biobibliográfico¹² dos autores, que não dava o detalhe dos manuscritos conservados em Alexandria, só a lista das obras, e que foi difundido no mundo helenístico como obra de referência. A nota de cada autor especificava sua origem (filiação e local de nascimento), as diferentes categorias sistemáticas em que suas obras são classificadas, seu local de residência e elementos de biografia¹³. A descrição das obras incluía o *incipit*¹⁴ e o *explicit*¹⁵ dos diferentes *volumina*. (BARBIER, 2016, p. 47-48).

Harmon (1981) discorre ainda no período da Antiguidade, sobre um outro grego bem conhecido, Cláudio Galeno, escritor e físico do (Séc. II d.C.), onde seu trabalho foi realizado em uma escala um pouco menor em relação ao trabalho de Calímaco. Entretanto, consistia em compilar uma lista de seus próprios livros. O interessante deste trabalho para o ponto de vista da história da Bibliografia, é que este trabalho intitulado: *De Libris Propriis Liber*, possui um arranjo classificado de dezessete grupos com títulos como comentários, filosofias morais e gramática. Além disso, é “[...] uma relação próxima com a Biografia é bastante evidente nas bibliografias iniciais, porque a maioria delas era uma lista das obras de um autor incluídas em uma biografia”. (HARMON, 1981, p. 10, tradução nossa).

É evidente que neste momento, a Bibliografia esteve muito relacionada com a Biografia, mostrando o trabalho do bibliógrafo. Além disso, podemos perceber o quanto que é complexo este trabalho.

¹² Biobibliográfico correspondem à Biobibliografias que são um tipo de fonte bibliográfica. Registra não somente a Biografia mas, também, a Bibliografia de um ou vários autores. (CUNHA;CAVALCANTI, 2008, p. 123).

¹³ Biografia corresponde a um documento que relata a vida e a atividade de uma pessoa. (CUNHA;CAVALCANTI, 2008, p. 56).

¹⁴ *Incipit* do Latim: *começo*. Palavra ou frase que *iniciava* um manuscrito medieval. (CUNHA;CAVALCANTI, 2008, p. 193).

¹⁵ *Explicit* do Latim: *fim, conclusão* (CUNHA;CAVALCANTI, 2008, p. 162).

[...] Galeno revela um sistema complicado de classificação e indexação. As indicações constantes de cada livro permitiam conhecer não só o título da obra, o nome do ou dos autores e o dos compiladores, mas também o local de origem, o tamanho do texto [...] número de linhas, e a natureza do manuscrito, “misturado” ou “simples”, isto é, contendo vários textos em um só. (GALIEN, apud BARBIER, 2016, p. 47).

Uma questão muito importante através da história da Bibliografia, é a percepção de suas interfaces além do seu caráter disciplinar, a Bibliografia desde a Antiguidade, pertence também à um conjunto de teorias, técnicas para a produção de repertórios bibliográficos como no caso, podemos identificar esses repertórios sendo reproduzidos ao longo do tempo à exemplo das Lista de obras de autores, Catálogos e os próprios Índices citados anteriormente.

Outra prática bibliográfica muito importante para a trajetória histórica da Bibliografia, vai aparecer, entretanto, já na Idade Média com Cassiodoro¹⁶ onde se tornou um dos pioneiros da Bibliografia neste período (CAPACCIONI, 2006 apud ARAUJO, 2015). Em sua obra: *Institutiones divinarum et saecularium litterarum* considerada a primeira Enciclopédia Cristiana onde trata dos autores cristãos da Bíblia, dos comentaristas e, a definição das sete artes liberais dos livros correspondentes a cada arte. (RICHÉ, 2000 apud ARAUJO, 2015).

Durante o período da Idade Média e ao se discutir sobre Biblioteca medieval, podemos considerar este período como um grande centro de produção dos manuscritos. O trabalho nos mosteiros realizados pelos monges, “[...] vai desde a confecção do pergaminho até a encadernação do códice, o que se tornou possível graças à organização de uma comunidade como o mosteiro.” (SERRAI, 1975, p. 144).

É importante discutir também, que na Idade Média, além do trabalho dos monges nos mosteiros, destacando-se por uma grande produção, a organização das coleções, se aprimora bastante porque se defronta com o aumento da produção de livros e da busca por eles através da fundação das universidades.

Com o tempo, a organização das coleções vai refletir a organização dos estudos, mas os catálogos empregam ainda a ordem topográfica: dentro de cada classe aparecem, às vezes, índices por autor e por assunto. De cada códice fornece uma descrição detalhada com título por extenso, *incipit* e *explicit*, e à miúdo também o preço pago para a cópia, e sua origem e em

¹⁶ Cassiodoro fundador do monasticismo no Ocidente. Foi escritor e estadista romano, conselheiro do rei dos ostrogodos, em Ravena. (BARBIER, 2016, p. 79).

certos catálogos aparece a notação que indica o lugar do manuscrito na coleção.” (SERRAI, 1975, p. 145).

Outra produção bibliográfica do Medievo vai corresponder ao “[...] primeiro registro de um catálogo interbibliotecas aparece no Séc. XII com o: *Registrum Librorum Angliae*, que reunia as informações sobre o acervo dos 183 mosteiros franciscanos ingleses do tempo.” (SERRAI, 1975, p. 145).

Contudo, respectivamente no Séc. V, apareceram exemplos de biobibliografias que tratam do estudo da vida e da obra de um escritor. Como exemplo, as obras de São Jerônimo¹⁷ e de São Genádio¹⁸. Podemos perceber ainda que muitos desses repertórios produzidos na Idade Média, em seu contexto geral é sobre cristãos importantes na história da Igreja.

Segundo Harmon (1981), os dois elaboraram um prólogo com mais de 135 capítulos, cada um com uma breve biografia. Sendo assim, os dois compilaram bibliografias separadas com o mesmo título: *De Illustribus Viris*, mas que o próprio São Jerônimo disse que deveria ter sido mais corretamente intitulado: *De Scriptoribus Ecclesiasticis*. (HARMON, 1981, p. 11, tradução nossa). Além disso, ao longo dos séculos seguintes, muitas outras biobibliografias apareceram.

Outro exemplo de bibliografia muito interessante que foi anexada a um livro: *The Ecclesiastical History of Britain (731 d.C.)* produzida pelo Venerável Beda¹⁹.

O trabalho de Beda consistia numa: “[...] lista de livros nos mosteiros da Inglaterra, intitulada: *Catalogus Scriptorum Ecclesias*, onde foi compilada por John Boston, um monge beneditino do enterro por volta de 1410.” (HARMON, 1981, p. 11, tradução nossa).

Ainda neste trabalho, ele listou sob seus nomes os escritos de cerca de 700 autores e nomeou seus nomes. Um ponto interessante, é que debaixo dos livros da bíblia sobre os quais

¹⁷Do Latim: *Eusebius Sophronius Hieronymus*, foi um sacerdote católico, destacado como teólogo e historiador, considerado confessor e Doutor da Igreja pela Igreja Católica. É muito conhecido por sua tradução da Bíblia para o Latim (conhecida como Vulgata) e por seus comentários sobre o Evangelho dos Hebreus. Disponível em: < <https://www.encyclopedia.com/religion/encyclopedias-almanacs-transcripts-and-maps/jeromedeg>>.

¹⁸Do Latim: *Gennadius Scholasticus*, foi um importante sacerdote e historiador cristão do século V. Ele é conhecido por sua obra: Sobre homens ilustres (*De Illustribus Viris*). Disponível em: <<https://www.encyclopedia.com/environment/encyclopedias-almanacs-transcripts-and-maps/scholarios-gennadios>>.

¹⁹Do Latim: *Bēda Venerābilis* foi um monge inglês que viveu nos mosteiros de São Pedro, em Monkwearmouth, e São Paulo, na moderna Jarrow, no nordeste da Inglaterra, uma região que, na época, era parte do Reino da Nortúmbria. Ele é conhecido principalmente por sua obra-prima, a *História Eclesiástica do Povo Inglês*, um trabalho que lhe rendeu o título de "Pai da História Inglesa". Disponível em: <<https://www.encyclopedia.com/science/dictionaries-thesauruses-pictures-and-press-releases/bede-venerable>>

eles escreveram, os locais reais dos livros são mostrados por números usados para identificar as bibliotecas de retenção onde esse método é usado pelos bibliógrafos até hoje. (HARMON, 1981, p. 11, tradução nossa).

O que destaca neste trabalho de Beda, é que este tipo de repertório “[...] embora esteja longe de estar completo, muitos consideram este trabalho o primeiro exemplo de um catálogo de união”. (HARMON, 1981, p. 11, tradução nossa). O que é importante frisar que, desde a Antiguidade, as diversas práticas bibliográficas sob vários arranjos e métodos de descrição está em constante evolução.

Podemos ainda perceber o quanto que a Bibliografia é fruto das condições socioculturais, sendo elaborada e representada de diversas formas em cada período da história, reforçando assim, sua importância para o tratamento informacional de tudo o que foi e do que é construído pela sociedade de cada período.

De fato que, durante o Medievo, as bibliografias se desenvolvem de uma forma mais acentuada, onde passaram a: “[...] contar com um princípio diretor constante em suas descrições: nome do autor, dignidade eclesiástica e lugar onde exerce, suas obras, valorização do conteúdo, atendendo à sua qualidade intelectual, e dados cronológicos.” (REYES GÓMEZ, 2010, p. 101, tradução nossa).

Outro importante momento é destacado por Reyes Gómez (2010), com relação à cultura ocidental no Séc. XII onde respectivamente se fundamentava, se concentrava somente nos mosteiros, o autor discute que a partir do início do Séc. XIII, com o nascimento das universidades, o acesso à leitura alcançou uma parte mais ampla da sociedade e a produção de livros aumentou de tal forma, que gerou a necessidade de outro sistema mais rápido de organização.

Logo em seguida, com desenvolvimento científico e tecnológico a partir do Séc. XIII, é possível observar como as bibliografias evoluíram ainda mais. Além disso, se anteriormente na Antiguidade e na Idade Média eram repertórios compostos por listas de obras de algumas personalidades e, sobretudo, de livros eclesiásticos, então agora as obras passam a ser de referência para as áreas do conhecimento e servindo de referência para se saber o que se construía em termos científicos, bem como verificar o estado da arte das ciências. (BALSAMO, 1998; REYES GÓMEZ, 2010, tradução nossa).

Assim, se a abertura das universidades ajuda na difusão das bibliografias, é com o advento da imprensa, no Séc. XV, que elas se difundem ainda mais na Europa e de forma muito mais rápida, visando ser um verdadeiro extrato dos documentos produzidos sobre os

mais variados temas e assuntos, experimentando as facilidades que a prensa de tipos móveis pode oferecer.

Entretanto, na Idade Moderna com o surgimento da impressão tipográfica, foi um período com uma vasta produção de bibliografias, como meio de registro, organização, seleção, disponibilização e mediação da cultura escrita para uma comunidade de estudiosos e eruditos. (ARAUJO, 2015, p. 127). O autor ainda afirma que a organização e representação do conhecimento, das informações já estava presente desde o mundo antigo e medieval, mas é na formação da Europa Moderna, que se busca uma sistemática bibliográfica. (ARAUJO, 2015, p. 127).

E é nesse período, por exemplo, que as bibliografias comerciais começam a ser lançadas com o objetivo segundo os editores, era a difusão dos livros por eles impressos e facilitar as vendas, servindo assim, como um meio de propaganda e, ao mesmo tempo, de controle do que era produzido.

As primeiras bibliografias verdadeiras foram as produzidas por Johannes Trithemius abade de Sponheim, no final do Séc. XV. Ele compilou uma extensa bibliografia de escritores eclesiásticos, o livro intitulado: *Liber de Scriptoribus Ecclesiasticis* (1494), publicada em Basiléia por Johann Amberbach. Nesta obra, Trithemius incluiu cerca de 7.000 livros sob seus autores, organizados em ordem cronológica. No ano seguinte, sua segunda bibliografia: *Catalogus Illustrum Virorum Germaniae*, foi publicada em Mainz, registrando os escritos dos autores alemães mais importantes. Mais de 2.000 obras estão listadas por mais de 300 autores, também organizados cronologicamente. (HARMON, 1981, p. 11, tradução nossa).

Segundo Araujo (2015), Johannes Trithemius (1462-1516) com sua bibliografia sistemática: *Liber de scriptoribus ecclesiasticis* (1494), foi o primeiro repertório biobibliográfico da Idade Moderna. Ele é considerado um dos pais da Bibliografia na Idade Moderna e apesar do título, essa bibliografia não se restringe às obras de escritores eclesiásticos no sentido estrito, mas no âmbito da civilização cristã incorpora escritos filosóficos, científicos e literários. (SERRAI, 1997, não paginado apud ARAUJO, 2015 p. 127).

Podemos perceber ainda que “[...] inúmeros bibliógrafos espalham-se pela Europa não só preocupados com a “ordem dos livros”, mas também com a representação do conhecimento por meio de Bibliografias e Catálogos”. (CHARTIER, 1998, não paginado, apud ARAUJO, 2015, p. 127-128).

Outro acontecimento muito importante para a História da Bibliografia, é o surgimento do termo Bibliografia quando é atribuído a Gabriel Naudé (1627) e a Louis Jacob, em 1643, onde Naudé preferiu não usar o termo *Bibliotheca* e optou por usar *Bibliographia*. (LARA, 2018, p. 130). Entretanto, com Louis Jacob o termo reapareceu em sua forma original com a publicação da *Bibliographia parisiensia* em 1645. (BOUSTANY, 2007, apud LARA, 2018, p. 129). Além disso, podemos perceber até nos dias de hoje, que as bibliografias receberam inúmeras denominações, como Biblioteca, Catálogo, Índice e Repertório.

Como podemos observar também, que a origem do Repertório Bibliográfico é identificada no final do Séc. XV e ao longo do Séc. XVI, em algumas décadas depois da invenção da imprensa por Gutemberg. Entretanto, o uso do termo Bibliografia, só se generalizou no Séc. XIX quando passou a constar nos títulos dos repertórios. (BOUSTANY, 2007 apud LARA, 2018, p, 129).

Além disso, Araujo (2015) discute sobre um repertório bibliográfico muito importante produzido por Conrad Gesner²⁰ de 1545, com o lançamento do primeiro volume de sua *Bibliotheca Universalis*. Tal obra é a primeira voltada à organização universal do conhecimento bibliográfico humano, onde sua importância está entorno da representação da informação visando todos os autores da época, bem como suas obras, pode-se dizer que é um verdadeiro Catálogo nas bibliotecas onde cabe somente ao bibliotecário, indicar a localização física dos livros na própria obra.

A obra de Conrad Gesner delineou as práticas bibliográficas da Europa Moderna, já que inúmeras bibliografias se basearam em *Bibliotheca*. Neste sentido, Gesner é considerado o “pai da Bibliografia” e fundador da disciplina bibliográfica. (ARAUJO, 2015, p. 119).

Editada em quatro partes, nela: Gesner organiza cada obra a partir das categorias previamente definidas e coloca em prática seu pensamento esquemático: na medida em que foi naturalista, ao trabalhar com a classificação dos seres, foi também bibliógrafo, ao trabalhar com a classificação dos saberes. Assim, Gesner, mais do que fazer um inventário de toda a produção bibliográfica de seu tempo, acaba por categorizar o conhecimento, facilitando a recuperação das obras. (ARAUJO, 2015, p. 135).

Através das práticas bibliográficas entorno da organização e representação do conhecimento vindo desde a Antiguidade, passando também pela Idade Média, pela Idade

²⁰ Conrad Gesner foi um naturalista suíço. Também é conhecido como o "pai da Bibliografia" devido a sua obra editada em 1545, *Bibliotheca Universalis*. Tinha o intuito de realizar uma lista dos livros impressos no mundo. Disponível em: <<https://www.encyclopedia.com/history/encyclopedias-almanacs-transcripts-and-maps/gessner-conrad-also-konrad-gesner-1516-1565>>

Moderna para a Contemporaneidade, é notório que a Bibliografia sofreu uma grande mudança no estudo bibliográfico. Além disso, as práticas entorno da representação e da organização do conhecimento neste contexto, a Bibliografia abriu um espaço para discussões entorno da análise material do livro como também, para a descrição dos livros justamente criando vertentes e tipologias para o estudo da Bibliografia principalmente da Idade Moderna para a Contemporânea o que abordaremos em outra sessão deste trabalho.

Em contrapartida, a partir do Séc. XVIII, com a Revolução Francesa que a Bibliografia se diversificou, tornando-se uma *Ciência do Livro*, com o desenvolvimento da atividade bibliográfica, assumindo um sentido genérico. Além disso, a necessidade do período de se reunir grandes números de coleções, gerou a necessidade de reuni-las e organizá-las de algum modo. (BOUSTANY, 2007 apud LARA, 2018).

Com a Bibliografia e seu caráter científico, as bases para o estudo e exame físico e a descrição dos livros, segundo Harmon (1981) foram estabelecidas por bibliógrafos o que foi gradualmente sendo influenciado ao se realizar um estudo de todos os processos envolvidos na fabricação de livros. Entretanto, por sua vez, levou à crença de que o bibliógrafo poderia, com essa investigação, esclarecer alguns problemas literários relacionados à transmissão do texto, do manuscrito do autor ou até mesmo ao livro impresso completo.

De forma revolucionária ou não, o livro impresso triunfou progressivamente, transformando-se na forma consagrada de transmitir textos o que cresceu muito ao longo dos Séc. XIX e do Séc. XX, transmitindo textos e imagens por via do impresso como livro, jornais, revistas, brochuras, cartazes entre outros. Com o barateamento e com a multiplicação do número de livros e textos disponíveis, a elaboração de catálogos ou bibliografias das obras impressas, tornou-se ainda mais indispensável para a orientação dos leitores no meio de mar de títulos e temas. (BELO, 2013, p. 41).

Podemos perceber que desde o Séc. XVI, a Bibliografia não era apenas a criação de inventários de obras. A Bibliografia e o saber bibliográfico já demonstravam o interesse nos estudos da materialidade dos documentos.

Posteriormente, tornou-se uma disciplina na segunda metade do Séc. XIX. Ela passou a ser ensinada como um saber específico, incluindo capítulos sobre História do livro, sobre as técnicas de produção e sobre as características materiais de cada edição em cada época. A partir de estudos eruditos assumiu uma vertente nacional muito marcada onde em cada país, onde os bibliógrafos interessavam-se por conhecer as origens da tipografia, as primeiras edições, os primeiros impressores. (BELO, 2013, p. 41.).

Se os livros assumissem diversos formatos ao longo da história, se eles foram escritos, reproduzidos e lidos de modo distinto na Roma Antiga, nas bibliotecas dos conventos medievais ou na Europa do século XIX, se o próprio objeto-livro tal como conhecemos hoje, encadernado e composto de uma sucessão de folhas, é uma invenção dos primeiros séculos da era cristã, a verdade é que nenhuma inovação ligada ao livro marcou tão fortemente a cultura letrada da época contemporânea como a invenção da tipografia. (BELO, 2013, p. 40.)

Respectivamente no Brasil, o autor mostra que o cenário é bem diferente do europeu onde explica-se pela fraca tradição bibliográfica, sem produção própria de livros impressos durante quase todo o período colonial, até inícios do Séc. XIX.

Foi na segunda metade do Séc. XX, e entre colecionadores e bibliófilos como Rubens Borba de Moraes²¹, que começaram a ser publicados os primeiros trabalhos sistemáticos sobre o passado do livro brasileiro. (BELO, 2013, p. 42).

Além disso, podemos perceber a evolução de trabalhos envolvendo o campo da Bibliografia em “[...] uma base teórica sólida e um autoconhecimento disciplinar, que são as características de um campo de aplicação e estudo vibrante e válido”. (HARMON, 1981, p. 15, tradução nossa). Podemos perceber isso atualmente, a Bibliografia como uma área de estudo, uma disciplina que é incorporada nos estudos da área da Ciência da Informação, fazendo com que ela possa dialogar com as práticas da classificação, catalogação por exemplo.

Ainda Harmon (1981) amplia sua abordagem dizendo que desde o início, o objetivo da bibliografia foi criar uma ordem significativa entre os registros da experiência humana para aqueles cuja bibliografia de trabalho, é a linha que liga o acadêmico através de fronteiras políticas e abre a herança do passado para nós do presente e possivelmente para as do futuro.

Nos dias de hoje, entende-se que o estudo bibliográfico se encontra mais bem definido, oferecendo muitas vertentes e tipologias para o tratamento documental buscando assim, aprimorar cada vez mais as técnicas e métodos para o controle bibliográfico onde busca-se além da organização do conhecimento, a recuperação da informação.

²¹ Rubens Borba de Moraes foi um bibliotecário, bibliógrafo, bibliófilo, historiador e pesquisador brasileiro. Autor do: *Manual bibliográfico de estudos brasileiros*. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2489/rubens-borba-de-moraes>>

3.1.2 Vertentes e Tipologias da Bibliografia

Existem muitas vertentes e tipologias atribuídas à Bibliografia. Além disso, existem diversas abordagens adotadas por autores estrangeiros e nacionais. Dentre as abordagens, destacam-se a corrente italiana, inglesa, espanhola, francesa, americana, dentre outras. Entretanto, não cabe a este trabalho, discutir todas as abordagens existentes.

Para isto, esta pesquisa apresentará as principais vertentes e tipologias para deixar explícito a extensão do campo de estudo da Bibliografia, mas deixando evidente a adoção da Bibliografia Material para compor este trabalho.

Foi possível identificar que a Bibliografia ao longo da história, oferece subsídios como uma área técnica vinda desde a antiguidade, mas também, como uma área disciplinar onde é incorporada nos estudos científicos atualmente. Observa-se ainda nos dias de hoje, diversos tipos de vertentes e tipologias atribuídos ao campo. Com isso, observamos assim, algumas das principais vertentes e tipologias atribuídas por alguns autores.

A primeira das vertentes é trazida por Morales López (2000), onde constata três vertentes importantíssimas em seu estudo, o que chama a atenção para a proposta deste trabalho. A primeira vertente, se relaciona à Bibliografia como um *Conhecimento dos Manuscritos* onde relaciona a Bibliografia, como conhecimento e interpretação dos antigos manuscritos e de entender que a finalidade de conhecer o valor dos manuscritos, se dava pelo estudo profundo das características materiais e intelectuais.

A segunda vertente, Morales López (2000) destaca como uma *Ciência do Livro*, incluindo os impressos e os manuscritos. Entende-se nesta vertente, a importância de abordar assuntos relacionados às grandes ciências que englobam o estudo do fenômeno ou objeto, o que ampliou o estudo dessa disciplina.

E por último, Morales López (2000) chama a terceira vertente como a *Era da Descrição dos Livros*, pois nesta vertente, que a Bibliografia estará relacionada com o processo de descrição onde se estabelece a Bibliografia como uma ciência auxiliar.

Sendo assim, podemos associar a Bibliografia segundo o *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia* (2008), onde a Bibliografia então pertence ao ramo da Bibliologia²² (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 46).

Consiste na pesquisa de textos impressos e multigrafados e tem por função, algumas atividades práticas relacionados com a indicação, a descrição e a classificação com o intuito de estabelecer instrumentos de busca para a organização e recuperação da informação.

Relacionados a esta atividade, podemos perceber quatro operações relacionados ao Trabalho Bibliográfico que são: Pesquisa, Indicação, Descrição²³ e a Classificação e elas dão origem a Bibliografia e Repertório Bibliográfico²⁴. (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 46).

Em contrapartida, quanto a uma divisão tipológica da Bibliografia outros autores se destacaram quando propuseram:

A corrente representada por Bowers (1962) em seu livro *Principles of bibliographical description*, onde a Bibliografia distingue-se em duas grandes vertentes:

- a) Bibliografia Enumerativa;
- b) Bibliografia Analítica.

O autor destaca que a Bibliografia Enumerativa, se ocupa da construção de listas de livros, artigos sobre determinado assunto. Entretanto, a Bibliografia Analítica, investiga a técnica acerca da impressão de livros específicos onde se baseia na evidência física dos próprios documentos.

A Bibliografia Analítica se baseia em duas tipologias de acordo com Bowers (1962): o *Descritivo*²⁵ que registra os detalhes bibliográficos de um documento que foi investigado através do processo analítico onde descreve as marcas encontradas. O *Textual ou chamado de Crítico*, que se ocupa da análise do significado de um escrito e sua representação em outros tipos de textos e “[...] é, portanto, a função básica de uma Bibliografia Descritiva apresentar todas as evidências sobre um livro que podem ser determinadas pela Bibliografia Analítica aplicada a um objeto material.” (BOWERS, 1962, p.34).

²² Bibliologia ou então, Ciência do livro, é o conjunto das ciências e técnicas que se ocupam do livro e da escrita. Parte da Bibliografia que estuda o livro em seu aspecto histórico e técnico. (CUNHA;CAVALCANTI, 2008, p. 48).

²³ É através da Descrição que vai ser realizado este trabalho.

²⁴ Refere-se à Bibliografia editado como uma publicação autônoma (CUNHA;CAVALCANTI, 2008, p. 46).

²⁵ Também conhecida como Bibliografia Analítica, Descritiva ou Material.

Na mesma perspectiva, outro autor se destaca trazendo também, muitas contribuições para o campo da Bibliografia e de suas vertentes e tipologias.

Stokes (1982) em sua publicação: *The function of Bibliography* discute algumas vertentes para o campo da Bibliografia. Dentre estas vertentes, o autor destaca:

- a) Bibliografia Enumerativa ou Sistemática;
- b) Bibliografia Analítica ou Crítica;
- c) Bibliografia Descritiva;
- d) Bibliografia Textual;
- e) Bibliografia Histórica.

Segundo Stokes (1982), a Bibliografia Enumerativa é a mais fácil de todas as áreas individuais do estudo para entender.

É uma lista direta de livros sem a sobrecarga de muitos detalhes. Tendo coletado o material, a importância de sua sistematização se torna óbvia e essa área da Bibliografia às vezes é tão felizmente chamada de *Sistemática* quanto *Enumerativa*. Uma vez que sua função geral é clara, a lista dos detalhes bibliográficos destacados sobre um grupo particular de livros que têm algum tipo de característica coordenadora. (STOKES, 1982, p. 1, tradução nossa).

Este tipo de Bibliografia são “[...] organizadas por tema, autor, data, local de publicação, entre outros.” (NOGUEIRA, 2016, p. 155). Segundo o autor, a Bibliografia Enumerativa é o tipo mais elementar de Bibliografia, pois consiste na simples enumeração de títulos referentes a um documento ou um acervo.” (NOGUEIRA, 2016, p. 155).

Entretanto, já a Bibliografia Analítica ou Crítica visa como o livro é estudado como um objeto tangível apenas do ponto de vista das artes do livro ou de sua eficiência como uma ferramenta para transmitir a mensagem. (STOKES, 1982, p. 1, tradução nossa). Ou seja, é um conceito que se assemelha ao do autor Bowers (1962), onde o estudo histórico e técnico desta tipologia, tem como foco, o estudo das características intrínsecas e extrínsecas do livro.

A crítica textual foi a primeira atividade da Bibliografia Analítica e aproveitava-se de todos os detalhes no livro impresso, como falhas na impressão, defeitos nos tipos, marcas e características do papel, para identificar o processo de produção ou ao menos chegar próximo do que teria sido o texto original, recriando as etapas e

investigando os responsáveis pela sua elaboração, entre os quais os autores, editores, impressores, vendedores e comerciantes. (NOGUEIRA, 2016, p. 156)

Segundo Bowers (1962), a Bibliografia Descritiva é um desenvolvimento, ou estágio adicional da evolução, da lista manual do Catálogo e, portanto, compartilhará alguns dos problemas discutidos em conexão com a Bibliografia Enumerativa ou Sistemática. Sendo assim, a “[...] descrição de um item é um passo lógico a seguir na análise completa de um livro e na solução de seus problemas bibliográficos.” (STOKES, 1982, p. 1, tradução nossa).

Por último, temos duas tipologias trazidas pelo autor que são: a Bibliografia Textual, que está relacionada com outras disciplinas à exemplo, da Crítica Literária e Edição Textual e a Bibliografia Histórica vista como uma área ordenadamente circunscrita, dedicada à História do Livro. São duas tipologias associadas através da função de analisar todo o processo de transmissão do texto de um documento existente com a função também de transcrever fielmente o documento original. Com isso, foi possível também observar brevemente, as principais vertentes e tipologias atribuídas à Bibliografia através dos estudos teóricos e empíricos visando sempre o tratamento documental.

3.1.3 Bibliografia Material

A Bibliografia Material foi escolhida para esta pesquisa, devido a sua importância no estudo da materialidade do livro. Com seus métodos que possam permitir a investigação e a identificação de todas as características que compõem o livro, tendo como propósito nesta pesquisa, visando os principais aspectos desta disciplina para o tratamento de coleções antigas. Deste modo, é necessário também discorrer sobre o trabalho da Bibliografia Material.

A Bibliografia Material, também é chamada de Descritiva ou Analítica²⁶, foi muito utilizada a partir da necessidade comercial de vendedores de livros raros em descrever fielmente as obras que disponibilizavam, muitas vezes volumes com poucos exemplares conhecidos e que cada detalhe poderia significar o acréscimo ou a perda do valor do objeto. (NOGUEIRA, 2016, p. 157).

²⁶ Bibliografia Material, Descritiva ou Analítica (Bibliografia Material é o termo adotado para esta pesquisa) investigação das características físicas do livro/documento, ou seja, a identificação dos elementos intrínsecos e extrínsecos, ou seja, além dos elementos descritivos do documento, inclui a análise, ou seu resumo. (CUNHA;CAVALCANTI, 2008, p. 46).

A Bibliografia Material primordialmente, descreve o livro como um objeto, independentemente de seu conteúdo intelectual. Onde esta ciência:

[...] analisa os estágios da realização do livro. O suporte de um documento nunca é neutro e influencia seu conteúdo. A aparência do livro é reveladora. A Bibliografia Material interessa historiadores de livros, bibliotecários, editores etc. Fornece indicações sobre a data e o local da impressão, permite a detecção de falsificações, revela a ascendência de edições e permite o estudo de variações de texto. (ENSSIB VILLEURBANNE, 2005, online).

No início do século XX os estudantes ingleses Walter W. Greg e R.B. McKerrow iniciaram pesquisas direcionadas para a construção de conceitos e métodos que definiriam o *corpus* da Bibliografia cujo objetivo era análise material dos livros. (ARAÚJO; REIS, 2016, p. 193).

Destacam-se os estudos de Bibliografia Descritiva e manuscritos literários de Fredson Bowers (1949) e Walter Wilson Greg (1966), de tipos móveis e impressos de Philip Gaskell (1972) e de Bibliografia e Sociologia dos Textos de Donald F. McKenzie (1999). (ARAÚJO, 2018, p. 38). É nessa perspectiva e na corrente da Bibliografia Material, que o plano material do livro é trabalhado em destaque tendo por objeto de estudo a história, a produção e a descrição do livro.

Sendo assim, Ronald Brunlees McKerrow, Alfred W. Pollard e Walter W. Greg são os principais autores que fixaram essa moderna orientação bibliográfica (REYES GÓMEZ, 2010, tradução nossa).

Com isso, a adoção da Bibliografia Material é muito importante para este trabalho pois nos remete:

Além das origens da imprensa a História do Livro de raiz bibliográfica interessou-se pela minuciosa identificação e pela descrição das edições dos autores consagrados de cada tradição literária. Acumulando informação sobre todas as matérias-primas e atividades práticas relacionadas com a edição antiga (da fundição dos caracteres à impressão, passando pela composição ou pelo fabrico do papel). (BELO, 2013, p. 43).

A chamada Bibliografia Material, que atingiu o seu expoente na Inglaterra, nomes como Walter Wilson Greg, Harry Carter ou Philip Gaskell produziu notáveis trabalhos de erudição para reconstituir os textos originais mais importantes da literatura de cada país. (BELO, 2013, p. 43). Importante questão relacionado a Bibliografia como estudo da

materialidade do livro onde os “[...] livros são meios materiais pelos quais a literatura é transmitida; portanto, a Bibliografia, o estudo dos livros, é essencialmente a ciência da transmissão dos documentos literários”. (GREG, 1932, p. 113 apud ARAÚJO; REIS, 2016, p. 194).

A Bibliografia Material segundo Varry (2011), foi um termo sugerido também em 1966 por Roger Laufer na *Australian Journal of French Studies* como equivalente à expressão em inglês *Physical Bibliography*, para renovar uma ciência auxiliar desenvolvida no mundo anglo-saxão desde o final do Séc. XIX.

Varry (2011) e Málcles (1963) discute ainda mais sobre o termo Bibliografia e sua relação com a materialidade do livro.

Nos países anglo-saxões e principalmente na Grã-Bretanha, a palavra Bibliografia mantém o sentido particular da Ciência do Livro. O bibliógrafo não é apenas um colecionador de títulos ou um analisador de texto, mas um especialista cuja tarefa é aplicar seus conhecimentos sobre a história da impressão e técnicas relacionadas ao estudo de livros, para estabelecer autenticidade, para especificar a data e o local da impressão, finalmente examinar todos os detalhes que permitem fazer a luz sobre as origens materiais de uma obra. Este principalmente significa livros antigos. Em mais de um caso, Bibliografia ainda abrange a História do Livro e até mesmo História Literária. (Málcles, 1963, apud Varry, 2011, tradução nossa).

Com a Bibliografia se tornando cada vez mais um método científico, esses novos métodos de identificação e de transmissão de textos é chamado também segundo Reyes Gómez (2010), de uma Bibliografia Material.

Bibliografia, com seu significado como uma lista de livros descritos com mais ou menos detalhes, e se aplica de diversos modos que vai desde uma pequena lista de referências, a um estudo descritivo detalhado.

Além disso, para definir também o campo dessa *Nova Bibliografia* associada por Greg (1945):

Para evitar ambiguidades vou definir a “Bibliografia” como o estudo dos livros como objetos materiais [...] A qualificação é importante. É uma espécie de cláusula filioque dirigida contra uma heresia particular; [...] porque Bibliografia não tem nada a ver com o assunto ou conteúdo literário de um livro. (GREG, 1945, não paginado, apud ARAÚJO; REIS, 2016, p. 194).

Além disso, uma outra importante discussão: “[...] as bases da nova disciplina estavam alicerçadas, dentre elas as proposições de princípios e métodos de análise bibliográfica desenvolvidas por Greg: um formulário de colação para padronização de descrição dos livros, com objetivo de oferecer consistência e organização aos processos de análise. (ARAÚJO; REIS, 2016, p. 194). Onde reforça um método cada vez mais rigoroso para a análise e descrição.

Com isso, essa chamada *Nova Bibliografia* é agora o campo da Bibliografia Analítica ou Crítica onde floresceu principalmente na Grã-Bretanha durante os primeiros anos deste século, com obras e escritos de bibliógrafos conhecidos como Sir Walter Wilson Greg, Alfred William Pollard e Ronald Brunlees Mckerrow. (HARMON, 1981, p. 15, tradução nossa).

Por volta de meados do século, a principal atividade nessa área do estudo bibliográfico parecia balançar para o outro lado do Atlântico com a publicação de Fredson Bowers: *Principles of Bibliographical Description* (1949), e muitos de seus estudos subsequentes. Nos últimos anos, foram publicados vários novos trabalhos, dos quais o mais notável é Philip Gaskell com: *New Introduction to Bibliography* (1974)²⁷. (HARMON, 1981, p. 15, tradução nossa).

Mckerrow publicou: *An Introduction to Bibliography for Literary Students* (1927) onde foi a primeira tentativa geral de examinar o uso de materiais interessantes e métodos dos tempos antigos e relacioná-los à transmissão de texto dos manuscritos dos autores à cópia impressa e às mudanças que surgiram em adições posteriores. (HARMON, 1981, p. 15, tradução nossa).

Gaskell (1999) em seu livro: *Nueva Introducción a la Bibliografía Material* se assemelha muito ao trabalho de R.B. McKerrow ao estudar a história e produção do livro para a descrição, entretanto, Gaskell além de analisar os aspectos físicos do livro como o suporte, analisa sua forma de apresentação como a encadernação, estuda o texto e dedica seu estudo à crítica textual e mercado editorial. “Ao mesmo tempo, uma Bibliografia deste tipo, Analítica e Descritiva, serve como meio para identificar outros exemplares dos livros de que trata e também para avaliar a sua categoria.” (GASKELL, 1999, p. 402, tradução nossa).

A Bibliografia é o estudo de livros como objetos materiais, segue-se logicamente que o primeiro passo em qualquer projeto bibliográfico é submeter o livro a um exame puramente físico. (STOKES, 1982, p. 1, tradução nossa). A sua aplicação como instrumento de análise,

²⁷ Primeira publicação em inglês de Phillip Gaskell em 1974. Entretanto em 1999, Philip Gaskell tem uma nova publicação em espanhol. Ver GASKELL, Philip. **Nueva introducción a la bibliografía material**. Ediciones Trea, 1999.

também reformulou as pesquisas em crítica literária, onde passaram a considerar os textos a partir das formas que o conservavam procurando compreender seu caminho em um ciclo informacional que envolve a produção, circulação e recepção. (NOGUEIRA, 2016, p. 157).

Contudo a Bibliografia Material nos fornece cada vez mais subsídios para um trabalho centralizado na análise e descrição do livro, tendo a percepção sempre do estudo detalhado do livro como um objeto material, onde mostra-se uma ciência que também se adapta a essas novas necessidades.

3.2 O Livro de Horas

“O imaginário dos Livros de Horas combina imagens sagradas, com evocações do quotidiano medieval e do mundo natural. Flores, frutos e animais reais e imaginários ocupam as iniciais ou deslizam pelas margens em explosões de cor e criatividade. Como um espelho, o Livro de Horas é um reflexo do seu encomendador e uma extraordinária fonte de conhecimento e arte.”

(Catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal).

Do final do Séc. XIII até o início do Séc. XVI, o Livro de Horas se tornou um manuscrito muito requisitado na Idade Média. Consistia em um objeto de devoção pessoal ricamente ornamentado e ilustrado.

O Livro de Horas é o destaque de uma categoria de livro devocional ou mais precisamente: “[...] o Livro de Horas pertence a uma coletânea de textos devocionais para “leigos²⁸ da Idade Média.” (WIECK, 2001, p. 27, tradução nossa). Seu uso permitiu a sociedade devota no Medievo e aos leigos, a aproximação da palavra de Deus. Segundo Fischer (2006), a percepção que se tem sobre o Livro de Horas como um livro de preces, acabou tornando-o muito usual por nobres ricos ou patrícios e damas no Séc. XIII, mantendo uma destacada popularidade até o Séc. XVI como fonte de devoção pessoal e de meditação. Além disso, o Livro de Horas tornou-se mais popular entre os leigos, que praticavam sua fé de uma forma mais particular e ativa através de um tipo de recurso muito utilizado na Idade Média e que o Livro de Horas fornecia: as imagens.

É possível identificar ao longo do período medieval, Livros de Horas predominantemente em versões manuscritas e, no fim da Idade Média, em versões impressas, onde foram mais produzidos do que qualquer outro tipo de livro, incluindo a Bíblia (WIECK, 2001, p. 27, tradução nossa). Além disso, com o surgimento do Livro de Horas com suas características estéticas e documentais que o compõem, trouxe um novo significado para uma

²⁸ No contexto da Idade Média foi muito utilizado este termo para diferenciar o povo iletrado que não tinha acesso à Bíblia e muito menos, não sabiam o idioma Latim.

sociedade devota no período do Medievo fazendo com que sua produção antes realizada nos monastérios, por outro lado, pudesse ser realizadas também em ateliês nas grandes cidades tornando um objeto valioso e muito requisitado tanto por nobres, quanto por pequenos comerciantes. O Livro de Horas mesmo suntuosos ou até mesmo modestos, exerceram um papel de suma importância social, seja como um suporte de aprendizado de leitura para os leigos, seja como símbolo de riqueza de seus possuidores.

3.2.1 Dimensão histórico e cultural

A Idade Média período este correspondente segundo Baschet (2006), começa a partir da Alta Idade Média (Séc. V ao Séc. X) depois da Idade Média Central (Séc. XI ao Séc. XIII) e de seu término (Séc. XIV e Séc. XV). Período este que é muito importante frisar, onde neste contexto, o livro na Idade Média foi importantíssimo pois trazia a palavra de Deus. A relação da sociedade do Medievo com o livro, é tê-lo como objeto de salvação, um objeto para práticas religiosas.

Fischer (2006) destaca também no período, o *Saltério* uma série de 150 salmos encontrados em toda bíblia composta por hinos, cantos fúnebres, louvores, exaltações, canções de peregrinos e como idioma, o Latim fazendo parte na liturgia do início da Igreja Cristã com sua função muito parecida à um Livro de Horas:

O Saltério constituía a base das horas canônicas, uma vez que monges e freiras se reuniam em altares de mosteiros e abadias para as *horae*: as sete do dia reservadas à recitação das preces do ofício divino. Cada saltério era dividido em sete dias da semana e, depois, em *horae* individuais. (FISCHER, 2006, p. 154).

A partir do uso do Saltério, o Livro de Horas é “[...]sem dúvida, o gênero literário mais lido na Alta Idade Média, a partir do Séc. XII, foi o livro de preces pessoal em Latim: o Livro de Horas.” (FISCHER, 2006, p. 154). O autor ainda discute um pouco sobre a origem deste livro e destaca que este tipo de formato de livro surgiu no Séc. VIII quando um dos principais abades de Carlos Magno, Benedito de Aniane (c.750-821), elaborou um complemento especial ao ofício canônico, uma cerimônia preceituada do culto. Além disso, “[...] o Livro de

Horas englobava o *Pequeno Ofício da Abençoada Virgem Maria* a ser recitado ao longo do dia em intervalos específicos”. (FISCHER, 2006, p. 154).

Esses livros portáteis, que cabiam na palma da mão, cuja qualidade variava do grosseiro ao refinado (dependendo do bolso da pessoa) acompanhavam os donos, em geral as mulheres, não só na igreja e na capela, dia e noite, sempre agarrado em uma das mãos, mas também em todas as viagens. Ricos e nobres e, mais tarde, a burguesia abastada ofereciam Livros de Horas como presentes de casamento. (FISCHER, 2006, p. 154).

No decorrer da Idade Média, esses livros tornaram-se muito famosos e sobretudo, até o final do período com o crescimento demográfico e também de um público mais letrado, com uma demanda cada vez maior das universidades por adquirirem livros, fez com que a produção dos Livros de Horas se deslocasse dos mosteiros e fosse para os centros urbanos.

Imediatamente então, surgiram ateliês, oficinas e os artífices do livro com suas funções divididas em: escribas, iluminadores, encadernadores, dentre outros. Essas oficinas, atendiam a população laica e religiosa, sobretudo, aqueles com condições financeiras para encomendar uma obra.

Os membros da realeza e os grandes nobres passaram cada vez mais, a encomendar códices ilustrados e luxuosos, tornando este trabalho muito requisitado. Segundo Fischer (2006), as iluminuras em miniaturas incluídas nas páginas desses livros constituíram o principal trabalho artístico da Europa Ocidental. Trabalho este, envolvendo até mesmo, do mais simples, até pedras preciosas fixadas na encadernação.

Reforça ainda que, o livro vinculava o leitor diretamente ao divino sem a mediação da Igreja, onde até então, havia monopolizado a escrita religiosa e com um livro desses nas mãos, a própria leitura se tornava um ato sagrado de enorme individualidade destacando o Livro de Horas, um objeto para práticas de leitura de uma forma lenta e meditativa e antes as práticas de leitura estavam entorno da oralidade. Além disso, essas práticas, “[...] tem por principal objetivo, identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade cultural é construída, pensada, dada a ler”. (CHARTIER, 1990, p. 17).

Sobretudo, o Livro de Horas contribuiu com seu processo artístico fazendo com que as iluminuras, miniaturas, letras capitulares, as cenas e todo esse processo artístico ajudassem no processo de leitura dos leigos, fazendo com que a sociedade sentisse o desejo de participar das práticas religiosas reservadas à monges o que revela Wieck (2001, p. 27):

A comunidade laica cobiçava tanto as orações quanto os livros do clero. Os homens e mulheres leigos invejavam também sua relação íntima e direta com Deus. Eles almejavam séries de orações como as do clero, porém menos complexas, e um tipo de livro como o Breviário, que fosse mais fácil de utilizar e mais agradável para os olhos. O Livro de Horas, para os homens e mulheres leigos da Idade Média, santificou o tempo secular. (WIECK, 2001, p. 27, tradução nossa).

O Livro de Horas se constitui como um produto da cultura dessa sociedade, ou seja, “[...] mais do que apenas um livro como objeto material, essa história compreende a comunicação e todos os processos sociais, culturais e literários que os textos afetam e envolvem.” (BELO, 2013, p. 39).

É ainda, “[...] a descrição de padrões de cultura ou, por outras palavras ainda, pensamentos e sentimentos e sua expressão em obras de arte e de literatura.” (BURKE, 1992, p. 15). E por toda a Idade Média, o Livro de Horas se manteve presente nas residências pertencendo às famílias como um objeto além de práticas de leitura, um objeto de fonte devocional, um livro de preces de grande valor para a sociedade do Medievo.

3.2.2 Aspectos estéticos e documentais do Livro de Horas

Os aspectos estéticos e documentais dos Livros de Horas, constituem uma importante reflexão através de todo o processo da confecção, das técnicas elaboradas, do processo iconográfico e de toda complexidade textual desses manuscritos.

Os Livros de Horas manuscritos foram produzidos pelos *scriptoria*²⁹ (plural, em Latim, para *scriptorium*) e por oficinas, regularmente, ao longo de toda a Idade Média (WIECK, 2001, 2004, tradução nossa). O trabalho dos monges copistas fazia parte de uma série de funções a serem exercidas dentro de um mosteiro e era considerado um trabalho que pertence a sua rotina de orações e demais tarefas espirituais, sendo o *scriptorium*, um local para tais práticas.

As *oficinas* ou também chamados de *ateliês* apontadas pelo autor, se desenvolveram a partir dos *scriptoria* que se constituíram em grandes locais de produção dos mais diversos

²⁹ É um grande espaço chamado também de *sala de escrever* destinado dentro dos mosteiros para o trabalho de transcrição dos manuscritos.

produtos feitos em conjunto, onde uma ou mais pessoas organizavam a produção desses manuscritos.

A diferença fundamental entre os *scriptoria* e as *oficinas*, reside no fato de que os primeiros estão ligados aos mosteiros e igrejas enquanto as oficinas são estabelecimentos seculares. Em ambos os casos, as técnicas utilizadas na produção dos livros eram semelhantes (DE HAMEL, 1992, p. 7, tradução nossa). Como se pode observar na Figura 1, um exemplo de *Scriptorium*.

Figura 1- *Scriptorium* no Medievo



Fonte: (MEDIEVALFRAGMENTS, 2013, não paginado). Acesso em: 05 out. 2020.

Um exemplo do trabalho de um escriba (Fig. 2) onde: “[...] manuscritos são escritos à mão. Todos estão familiarizados com a imagem do escriba medieval copiando textos com uma caneta de pena.” (DE HAMEL, 1992, p. 27, tradução nossa).

Figura 2 - Escriba transcreve um manuscrito



Fonte: De Hamel (1992, p. 36).

Sobre os pigmentos medievais (Fig. 3) podiam-se dizer que “[...] as tintas eram mais espessas e pegajosas do que as tintas comerciais modernas, e existem inúmeras receitas medievais para sua fabricação”. (DE HAMEL, 1992, p. 27, tradução nossa).

Figuras 3 - Pigmentos medievais



Fonte: Lovett (2017, p. 46).

Um pouco sobre as tintas:

A primeira é a tinta de carbono, feita de carvão ou preto-lâmpada misturada com uma goma. A segunda é tinta de galha metálica, geralmente galha de ferro, feita misturando uma solução de ácidos tânicos com sulfato ferroso (cobre); também requer a adição de goma, mas como um espessante e não como um adesivo. A escuridão é o resultado de uma reação química. Ambos os tipos de tinta foram empregados em manuscritos medievais. A tinta de carbono era usada nos mundos antigo e oriental e estava presente em todas as receitas medievais até o Séc. XII. Isso não precisa implicar que era o único método até aquele momento, porque os altos relatos medievais de artesanato são mais propensos a recontar uma fonte clássica ou literária do que a ramificar-se para a experiência contemporânea. (DE HAMEL, 1992, p. 32, tradução nossa).

Outros pigmentos incluem o verde da malaquita, amarelo de terra vulcânica ou de açafreão. O branco através do chumbo branco, e assim por diante. Havia várias técnicas de mistura de pigmentos em tintas. Tanto a clara quanto a gema dos ovos também eram comuns, sendo o ovo uma cola muito eficaz. O vermelho, por exemplo, pode ser cinábrio natural, sulfeto de mercúrio. O azul, sua fonte de cor mais comum era a azurita. Além dos ingredientes de origem vegetal, também foi usado de origem animal à exemplo, das gomas que também eram feitas geralmente fervendo pedaços de pele. (DE HAMEL, 1992, p. 62, tradução nossa).

Além disso, outra etapa muito importante na produção dos manuscritos, é o processo da escrita e da fabricação, preparação de instrumentos (Fig. 4) com penas de aves para a utilização como canetas onde, “[...] era aparentemente de conhecimento comum em toda a Idade Média.” (DE HAMEL, 1992, p. 27, tradução nossa).

Figura 4 - Instrumentos para a escrita



Fonte: De Hamel (1992, p. 27).

“Mas quase não há instruções medievais para o corte de penas. Todas as pessoas alfabetizadas evidentemente preparavam suas próprias canetas e, portanto, não havia mérito em escrever sobre como isso era feito.” (DE HAMEL, 1992, p. 27, tradução nossa).

Os Livros de Horas como qualquer outro manuscrito da Idade Média, as características que compõem a sua materialidade, é possível identificar o *pergaminho*, suporte para a escrita este, feito da pele de um animal e característico do período medieval onde a produção: “[...] é o processo de transformar a pele do animal em um material branco limpo adequado para a escrita de manuscritos medievais onde foi a tarefa do *percamenarius*, ou *fabricante de pergaminho*, que consistia na preparação do pergaminho sendo um processo lento e complicado (DE HAMEL, 1992, p. 8, tradução nossa).

Ainda sobre sua materialidade, é importante destacar que os Livros de Horas manuscritos sobre pergaminho, são compostos por bifólios, ou seja, conjuntos de “[...] folhas dobradas, encartadas umas dentro das outras e eventualmente costuradas através de sua dobra central” (DE HAMEL, 1992, p. 39, tradução nossa).

A belíssima encadernação (Fig. 5) é outra característica primordial no Livro de Horas. As pranchas dos manuscritos medievais eram geralmente feitas de madeira. Os livros medievais, às vezes, eram fechados em jaquetas soltas, que envolviam a borda anterior e o

protegiam da poeira. Com muito mais frequência do que sugere a encadernação medieval sobrevivente, os manuscritos podem ter sido cobertos com tecidos ou com metais preciosos e joias (que foram removidos em sua maioria por motivos de legitimidade variada) ou com esmaltes ou pinturas. (DE HAMEL, 1992, p. 67, tradução nossa).

É um trabalho de alta complexidade que envolve a função de gravadores e de joalheiros compondo assim, um trabalho especializado com alta complexidade.

Figura 5 - À esquerda, encadernação das Três Riches Heures do duque de Berry (Séc. XVIII) e a direita, encadernação do Livro de orações de Rothschild (Séc. XIX)



Fonte: De Hamel (2017, p. 596).

Os artistas responsáveis pela produção de Livros de Horas manuscritos costumavam fazer uso intenso de cores em suas páginas (Fig. 6). Mas não é somente nas iluminuras e miniaturas que identificamos a ocorrência de cores diversas, é interessante notar que “[...] quase todo livro medieval, por mais modesto, inclui texto em mais de uma cor” (DE HAMEL, 1992, p. 13, tradução nossa).

Figura 6 - A Natividade nas Horas de Spinola (Séc. IX)



Fonte: De Hamel (2017, p. 599).

Ao se pensar em um Livro de Horas, é importante ter em mente que este manuscrito pertence a uma categoria de livros todo ornamentado, com iluminuras e miniaturas ou seja, [...] é incomum que um livro medieval completo não inclua nada além de uma simples e regular escrita.” (DE HAMEL, 1992, p. 45, tradução nossa).

Desde o final da antiguidade, começou o costume de aumentar a primeira letra e preenchê-la com cores, e os primeiros manuscritos irlandeses no início do século sétimo já mostram texto dividido em seções, cada uma marcada por uma grande caneta inicial ornamentada com padrões entrelaçados e simples formas animais. Pelos oitocentos anos seguintes, até mesmo os manuscritos de texto mais humildes, geralmente abriam com uma inicial ampliada na primeira página e indicavam capítulos ou outras subdivisões no texto com letras maiúsculas semelhantes, mas ligeiramente menores. Os livros medievais não têm páginas de título. A inicial de abertura tem a função prática de apresentar ou anunciar o início. (DE HAMEL, 1992, p. 45, tradução nossa).

A Iluminura³⁰ é o processo de pintura decorativa aplicado ao manuscrito e consistia numa elaboração bastante refinada e de importante valor artístico no contexto da arte no período da Idade Média.

Já a Miniatura³¹, está associada a representação de uma cena ou de um personagem em um espaço independente do manuscrito, que pode surgir em uma letra capitular (Fig. 7) ou até mesmo em espaços independentes no texto e destaca-se assim, uma arte de grande complexidade e produto de um trabalho especializado.

Figura 7 - Letra Capitular de um manuscrito



Fonte: (DESIGNTBRSGRAPHIC, [s.d.], não paginado). Acesso em: 27 jan. 2020.

³⁰ Letra pintada e ornamentada no início de capítulos em manuscritos antigos, a partir do século VII. Diz-se do conjunto de elementos decorativos e de representação de imagens empregados nos manuscritos antigos para embelezá-los. (CUNHA;CAVALCANTI, 2008, p. 190).

³¹ Imagens de pequenas proporções pintadas num manuscrito ou livro impresso. Os missais da Idade Média eram ornados com miniaturas, as vezes na forma de capitulares. Imagem pintada em marfim ou velino, com extrema precisão, e, sempre, com dimensão mínima, que não excede, em geral, 5 cm de altura. (CUNHA;CAVALCANTI, 2008, p. 250-251).

Outro aspecto muito importante de ser discutido brevemente, é sobre a temática dos Livros de Horas. Estes livros possuíam temas que consistia em uso obrigatório os seguintes textos: os Calendários, as Lições do Evangelho, orações dedicadas à Virgem Maria, dentre elas, as Horas da Virgem ou Pequeno Ofício da Abençoada Virgem Maria.

Um dos motivos dessa popularidade está no conteúdo do livro. O Livro de Horas é um livro de orações que contém, em seu cerne, o pequeno ofício da bem-aventurada virgem maria, ou seja, a hora da virgem. Por esta razão, o termo latino para o livro é *horae* (horas). As horas da virgem são uma sequência de orações à mãe de Deus que, idealmente, eram recitadas ao longo de todo o dia, santificando-a a Deus por meio dela, hora a hora. Outras orações geralmente encontradas em *horae* ajudaram a completar a necessidade espiritual dos homens e mulheres do final da Idade Média e do Renascimento. (WIECK, 2001, 2004, p. 9, tradução nossa).

Já os textos ditos opcionais, variavam bastante, onde podia incluir orações especiais para os santos de devoção da pessoa que encomendou o manuscrito, ou preces adicionais para a Virgem Maria onde o Livro de Horas, consistia em um livro personalizado.

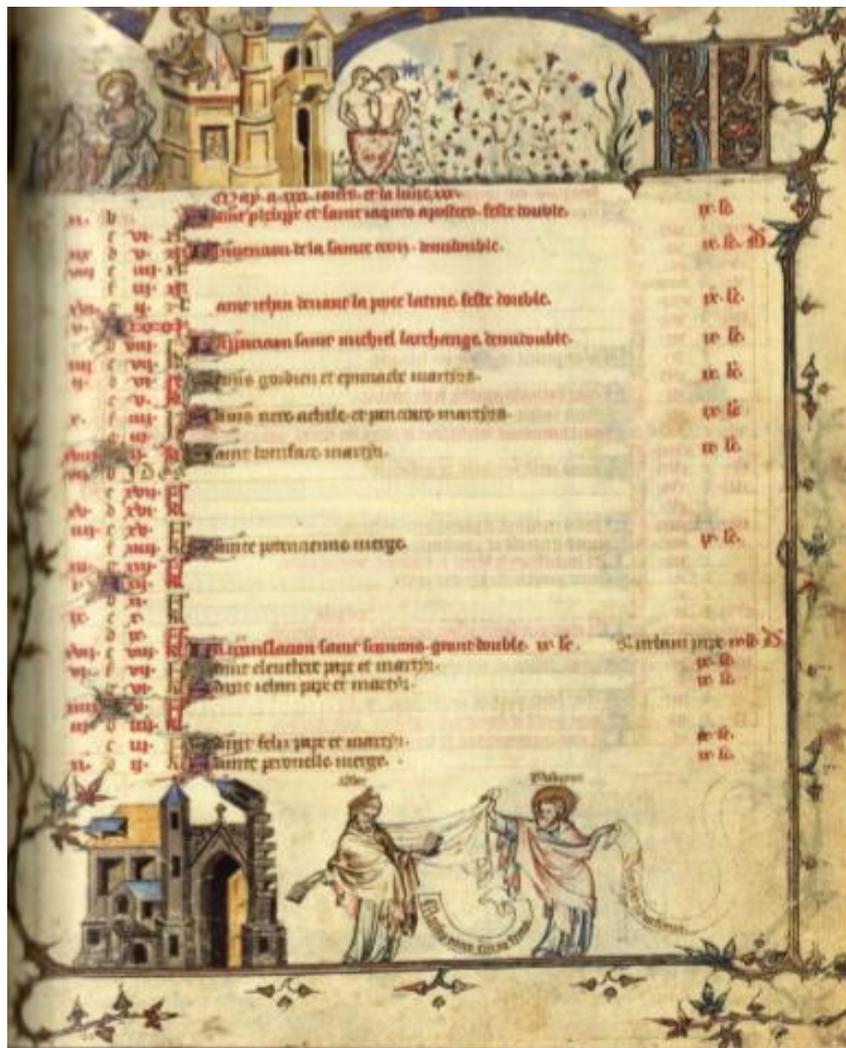
Segundo Wieck (2001, 2004) essa categoria de livros segue primeiramente, as Lições do Evangelho e as Horas da Virgem, que contêm uma série de orações correspondentes as:

- a) Horas canônicas (*Matinas, Laudes, Prima, Terça, Sexta, Nona, Vésperas e Completas*);
- b) Horas da Cruz;
- c) Horas do Espírito Santo;
- d) Orações dedicadas à Virgem (*Obsecro te e O intemerata*);
- e) Salmos Penitenciais e a Ladainha dos Santos;
- f) Ofício dos Defuntos;
- g) Sufrágios;
- h) Demais orações dedicadas a outros santos e que variam conforme a região ou a devoção de quem está encomendando a obra.

Wieck (2001, 2004) ressalta que era muito comum também, aparecer as Horas da Cruz e do Espírito Santo, os Salmos Penitenciais e a Litania dos Santos, o Ofício dos Mortos e os Sufrágios.

Entretanto, geralmente o Livro de Horas e sua temática começa pelo calendário (Fig.8), que pode ou não, ser iluminado. Ao receberem iluminuras, podem ou não, retratar o cotidiano do trabalho do campo, da vida dos nobres bem como os signos do zodíaco.

Figura 8 - Calendário nas Horas de Joana de Navarra (Séc. XIV)



Fonte: De Hamel (2017, p. 423).

Contudo, o Livro de Horas com suas iluminuras e miniaturas, teve uma importância inestimável entre aqueles que o produziram quanto aqueles que o adquiriam, tornando-o assim, um manuscrito muito requisitado e valioso no contexto da arte no Medievo.

3.2.3 Coleção de Livros de Horas da Fundação Biblioteca Nacional

A Coleção de Livros de Horas da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, surgiu desde o estabelecimento da Família Real Portuguesa no Brasil em 1808. Além disso, foi um período em que várias instituições foram fundadas. Dentre estas instituições, destacam-se a Real Academia de Belas Artes, o Museu Real, a Academia Real Militar, o Real Porto e a Real Biblioteca Portuguesa.

A Real Biblioteca Portuguesa, como se constitui hoje, deve sua origem a um acontecimento trágico: um incêndio causado pelo terremoto que atingiu Lisboa em 1755. Ela foi quase que completamente reconstruída durante o reinado de D. José I. Pouco mais de 50 anos depois, em 1808, as 60 mil peças desta coleção chegaram ao Rio de Janeiro junto com a Família Real, onde dariam origem, mais tarde, à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Dentre estas peças há de se destacar um conjunto de quatro Livros de Horas, que pertenciam originalmente à Casa do Infantado. (SOUZA, 2016, p. 455).

Segundo Faillace (2009), o monarca da época, D. José I, começou a reconstruir a Coleção adquirindo novos livros. No Palácio da Ajuda, duas Coleções foram reunidas: a Livraria Real e a Livraria da Casa do Infantado, de onde provém a Coleção de Livros de Horas, que era destinada à formação dos príncipes.

A autora ressalta que foram essas duas coleções que vieram para o Brasil em 1810, divididas em três lotes, e acomodadas no Hospital da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, através de decreto real. A data de assinatura deste decreto, 29 de outubro de 1810, é a data oficial da Fundação da Biblioteca Nacional. Foi dessa maneira, que as referidas coleções chegaram ao Brasil.

Além disso, quatro dos Livros de Horas foram produzidos no Séc. XV provenientes da casa do Infantado da Real Biblioteca Portuguesa e outros cinco adquiridos pela Biblioteca Nacional, destacando oito³² desses manuscritos confeccionados na Idade Média.

Destacando-se assim, os seguintes Livros de Horas da Coleção, dispostos no catálogo virtual da instituição³³. Para a identificação, cada manuscrito recebe o título de Livro de Horas

³² Embora tenha-se identificado nove manuscritos na Coleção, o Livro de Horas do Séc. XVI, traz alguns aspectos estruturais que não corresponde à tipologia de um Livro de Horas. Além disso, assemelha-se mais com um saltério e que também corresponde ao período da Idade Moderna.

³³ Com a digitalização, foi possível que a Coleção pudesse se tornar disponível através portal virtual da instituição: a BNDIGITAL. Ver também a Coleção nas referências deste trabalho.

mais o uso litúrgico. Sendo assim, no portal virtual da instituição, destacam-se a Coleção de livros de horas como nos mostra a Figura 9, Figura 10 e Figura 11.

Figuras 9 - Coleção de Livros de Horas (Séc. XII-XVIII) na Base de Dados *BNDIGITAL*
(parte 1)

Busca rápida no acervo digital

ARTIGOS DOSSIÊS EXPOSIÇÕES **ACERVO DIGITAL** HEMEROTECA DIGITAL SOBRE A BNDIGITAL

Página inicial > ACERVO DIGITAL

ACERVO DIGITAL

3		Material: Manuscrito	Título: Livro de horas [Manuscrito]	Ano: [14--]	Assuntos: Igreja Católica - Orações e devoções	PDF: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss_50_1_016.pdf	<input type="checkbox"/> Selecionar <input type="checkbox"/> Detalhes <input type="checkbox"/> Referência
4		Material: Manuscrito	Título: Livro de horas, uso de Auxerre [Manuscrito]	Ano: [entre 1480 e 1490]	Assuntos: Igreja Católica - Orações e devoções	PDF: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1212396/mss1212396.pdf	<input type="checkbox"/> Selecionar <input type="checkbox"/> Detalhes <input type="checkbox"/> Referência

Fonte: (BNDIGITAL, 2020, não paginado). Acesso em: 21 jun. 2020.

Figuras 10 - Coleção de Livros de Horas (Séc. XII-XVIII) na Base de Dados *BNDIGITAL*
(parte 2)

5		Material: Manuscrito	Título: Livro de horas, uso de Paris [Livro]	Ano: [entre 1460 e 1470]	Assuntos: Igreja Católica - Orações e devoções	PDF: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1212392/mss1212392.pdf	<input type="checkbox"/> Selecionar <input type="checkbox"/> Detalhes <input type="checkbox"/> Referência
6		Material: Manuscrito	Título: Livro de horas, uso de Roma [Manuscrito]	Ano: [final do séc. XV]	Assuntos: Maria, Virgem, Santa	PDF: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss35452/mss35452.pdf	<input type="checkbox"/> Selecionar <input type="checkbox"/> Detalhes <input type="checkbox"/> Referência
7		Material: Manuscrito	Título: Livro de horas, uso de Roma [Manuscrito]	Ano: [entre 1450 e 1480]	Assuntos: Igreja Católica - Orações e devoções	PDF: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1212397/mss1212397.pdf	<input type="checkbox"/> Selecionar <input type="checkbox"/> Detalhes <input type="checkbox"/> Referência

Fonte: (BNDIGITAL, 2020, não paginado). Acesso em: 21 jun. 2020.

Figuras 11 - Coleção de Livros de Horas (Séc. XII-XVIII) na Base de Dados *BNDIGITAL*
(parte 3)

8		Material	Manuscrito	<input type="checkbox"/> Selecionar
		Título	Livro de horas, uso de Roma [Manuscrito]	 Detalhes
		Ano	[ca. 1460]	 Referência
		Assuntos	Maria, Virgem, Santa	
		PDF	http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1212394/mss1212394.pdf	
		HTM	http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1212394/mss1212394.html	
9		Material	Manuscrito	<input type="checkbox"/> Selecionar
		Título	Livro de horas, uso de Rouen [Manuscrito]	 Detalhes
		Ano	[entre 1460 e 1470]	 Referência
		Assuntos	Igreja Católica - Orações e devoções	
		PDF (85MB)	http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1212395/mss1212395.pdf	
		HTM	http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1212395/mss1212395.html	
10		Material	Manuscrito	<input type="checkbox"/> Selecionar
		Título	Livro de horas, uso de Rouen [Manuscrito]	 Detalhes
		Ano	[1430?]	 Referência
		Assuntos	Igreja Católica - Orações e devoções	
		PDF	http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1212393/mss1212393.pdf	
		HTM	http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1212393/mss1212393.html	

Fonte: (BNDIGITAL, 2020, não paginado). Acesso em: 21 jun. 2020.

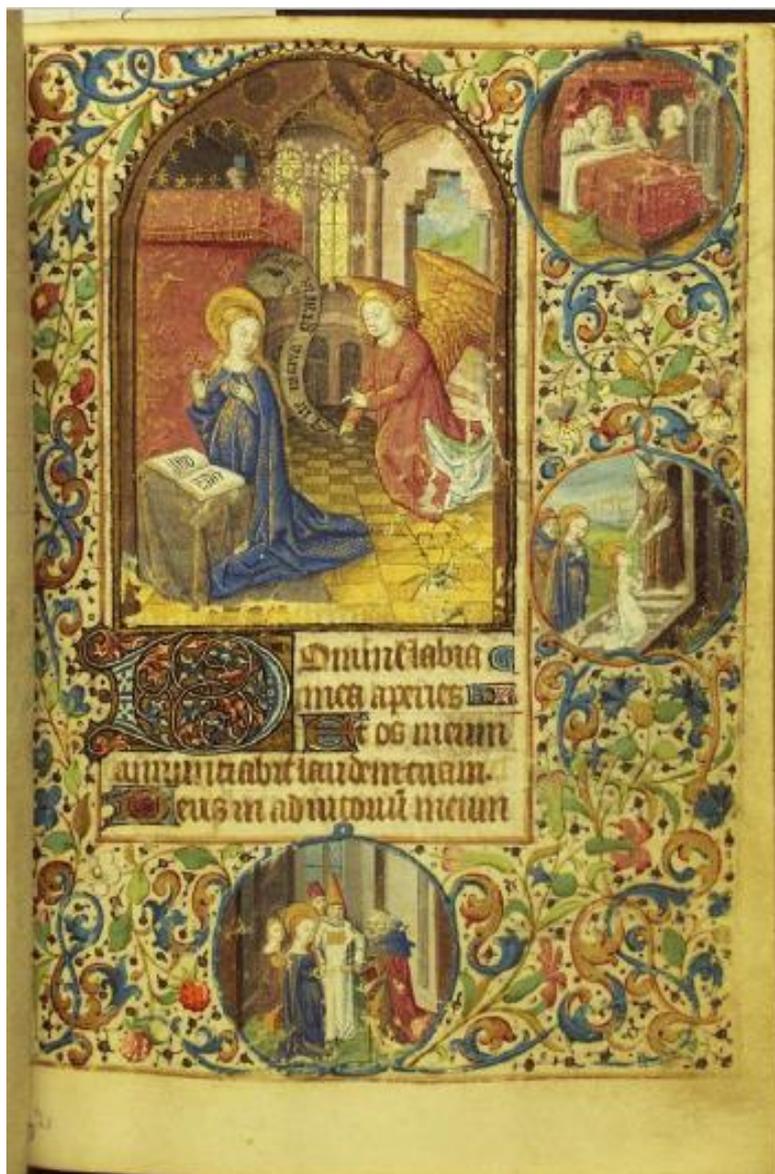
Atualmente, a Coleção de Livros de Horas está armazenada na divisão de manuscritos da Fundação Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro.

Com isso, estabelecendo uma divisão de como essa coleção foi adquirida, é importante destacar, quatro Livros de Horas com o carimbo da Biblioteca Real Portuguesa: os manuscritos, 50,1,001³⁴ (uso de Sarum); 50,1,016 (uso de Paris); 50,1,019 (uso de Rouen) e 50,1,022 (uso de Rouen). Além disso, também se destacam os seguintes Livros de Horas da casa do Infantado, que foram adquiridos por meio de doação e compra: os manuscritos, 50,1,010 (uso de Roma); 50,1,020 (uso de Roma); 50,1,023(uso de Auxerre) e 50,1,028 (uso de Roma).

Um exemplo na Figura 12, nos mostra um exemplo da arte desta Coleção da Biblioteca Real Portuguesa.

³⁴ Número correspondente à localização do manuscrito na estante (notação, cota, número de chamada).

Figura 12 - A Anunciação no Livro de Horas, uso de Paris (1460-1470)



Fonte: (BNDIGITAL, 2020, não paginado). Acesso em: 21 jun. 2020.

Souza (2016) explica que os códices da Fundação Biblioteca Nacional não contam com muitos estudos³⁵ que atestem muito o local real de origem e de sua datação.

Entretanto, através de um estudo realizado nesta Coleção de Livros de Horas pelo François Avril³⁶ podemos identificar nesta coleção da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro,

³⁵ Os estudos sobre as Escolas de produção e Cultura gráfica do Livro de Horas na Europa serão abordadas após as pesquisas que estão em andamento.

³⁶ Historiador também paleógrafo e bibliotecário da Biblioteca Nacional da França.

uma coleção pertencente à duas correntes de origens dos Países Baixos e de origem Francesa (AVRIL, 2016, p. 14). Como podemos observar na Figura 13.

Figura 13 - São Jorge no Livro de Horas, uso de Sarum (1450-1460)



Fonte: (BNDIGITAL, 2020, não paginado). Acesso em: 21 jun. 2020.

A seguir, um outro exemplo de arte na encadernação e na folha de guarda (Fig. 14) presentes nesta Coleção.

Figura 14 – Encadernação e folha de guarda do Livro de Horas, uso de Rouen (1460-1470)



Fonte: (BNDIGITAL, 2020, não paginado). Acesso em: 21 jun. 2020.

Contudo, a Coleção de Livros de Horas da Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, constitui-se assim, como importantes manuscritos do Medievo, e que carece de mais estudos nesta Coleção.

3.3 Possíveis contribuições da Bibliografia Material à Coleção de Livros de Horas da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil)

“Habeat Librarius et registrum omnium librorum ordinatum secundum facultates et auctores, reponeatque eos separatim et ordinate cum signaturis per scripturam applicatis.”

(O Nome da Rosa)

Através dos principais conceitos que norteiam a Bibliografia, desde o seu processo histórico, as suas principais vertentes e tipologias. De todos os principais aspectos sejam históricos, as características estéticas e documentais que envolvem os Livros de Horas e a Coleção da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), seguimos agora na busca de discutir os aspectos da Bibliografia Material face à Coleção de Livros de Horas.

É importante ressaltar que a Bibliografia e sua vertente a Bibliografia Material, tem o intuito de nos fornecer subsídios para a descrição e tratamento da informação em vários suportes. Além disso, examina o livro em todos os seus aspectos, desde a sua forma, como são feitos e a maneira pelo qual podem estar reunidos. Com isso:

Traça seu lugar e modo de origem, e as aventuras subsequentes que lhes aconteceram. Não está preocupado com seu conteúdo em sentido literário, mas certamente está preocupado com os sinais e símbolos que eles contêm (além de seu significado), pois a maneira pela qual essas marcas são escritas ou impressas é um fato bibliográfico muito relevante. E, a partir desse fato, preocupa-se com a relação de um livro com outro: a questão da qual foi copiado o manuscrito, quais cópias individuais dos livros impressos devem ser agrupadas para formar uma edição e qual é a relação da edição de edição para edição. (BOWERS, 1962, p. 31, tradução nossa).

Entretanto, este trabalho busca avançar através dos manuscritos, um outro olhar no sentido da importância do estudo cada vez mais analítico e descritivo do objeto livro através da Bibliografia Material. O que Gaskell (1999) ressalta:

[...] Bibliografia, com seu significado como uma lista de livros descritos com mais ou menos detalhes, é uma palavra excessivamente usada e ambígua, pois se aplica a qualquer coisa, desde uma pequena lista de referências a um estudo descritivo detalhado. Listar livros, mesmo os mais detalhados, nem sempre tem muito a ver com a ciência da transmissão de documentos. Porém, se um conjunto do livro for descrito analiticamente e em detalhes, o resultado pode ser um estudo sobre sua elaboração e distribuição, o que pode esclarecer a transmissão de seus textos diretamente e também pode aumentar nosso conhecimento sobre a transmissão de outros textos do livro. Ao mesmo tempo, uma Bibliografia deste tipo, Analítica e Descritiva, serve como meio para identificar outros exemplares dos livros de que trata e também para avaliar a sua categoria. (GASKELL, 1999, p. 402, tradução nossa).

Entretanto, é fato que também possuímos uma outra disciplina já vigorada nos estudos analíticos e descritivos em manuscritos. O que reforça para este trabalho, um destaque da atuação e dos conceitos principais desta disciplina.

A Codicologia é esta disciplina e dentre as suas diversas concepções, através da abordagem dos autores desta área, é possível compreender o trabalho de descrição em manuscritos.

Entretanto, é através desta pesquisa que é a proposta de uma aproximação entre as duas disciplinas para o processo de descrição. Para tanto, evidenciamos, a seguir, três formas de descrição realizadas pela Fundação Biblioteca Nacional (Brasil) na sua Coleção de Livros de Horas, de modo a aproximar a Bibliografia Material neste mesmo processo de descrição anteriormente realizada.

No entanto, não é objetivo deste estudo realizar um exercício de descrição bibliográfica comparada, mas sim, apresentar através desses três exemplos, uma breve reflexão sobre a possibilidade da aplicação das teorias da Bibliografia Material nesta coleção³⁷.

Todavia este trabalho, de forma subjacente, permite um entrelace entre a Codicologia e a Bibliografia Material, uma vez que a primeira disciplina comumente é aplicada em documentos manuscritos e a segunda em impressos.

Com isso, a Codicologia é a disciplina onde seu escopo se concentra nos manuscritos onde também trabalha sua descrição e análise. Sendo assim:

³⁷ Entendemos que a afetiva aplicação da Bibliografia Material nesta Coleção pode se dar em estudos futuros.

Codicologia é a disciplina histórico-filológica que tem o propósito de estudar o manuscrito e, principalmente [...] o livro manuscrito, em todos os seus aspectos, tanto de um ponto de vista formal e textual [...] como está a bibliologia que estuda o livro em todos os seus muitos aspectos impresso (bibliografia, catalogação, história da tipografia, bibliofilia, etc.), da mesma forma Codicologia investiga em todos os seus aspectos o antecedente histórico, isto é, o livro manuscrito da fase final da Antiguidade e Idade Média.” (DAIN, 1949, p. 77 apud GARCIA, 1992, p. 22, tradução nossa).

Dentre seus principais domínios estão entre a “[...] história de manuscritos, história das coleções de manuscritos, investigações na atual sede dela, problemas de catalogação, de catálogos, comércio dos manuscritos, seu uso e assim por diante.” (GARCIA, 1992, p. 21, tradução nossa).

Podemos associar a Codicologia à uma área que pertence:

[...] à Paleografia: o estudo da escrita e do material de escrita, fazendo do livro e sua ilustração, e o exame de sua arquitetura a independência da Codicologia, como ciência autônoma que estuda os manuscritos e a natureza arqueológica dessa ciência, ideia que exprimiu numa feliz definição, onde se lê: a Codicologia é a arqueologia dos monumentos mais preciosos de uma civilização: seus livros. (GARCIA, 1992, p. 21, tradução nossa).

Segundo o ponto de vista que foi adotado, vamos descobrir diferentes centros de interesse, cada um de uma disciplina ou técnica profissional que visa contribuir com os estudos do livro. “Com este nome designamos o ramo da Codicologia que centra seu campo de atuação na análise dos elementos materiais discernível nos manuscritos.” (DAIN, 1949, p. 77 apud GARCIA, 1992, p. 26, tradução nossa).

Ao se discutir a Codicologia como uma área já vigorada no tratamento de manuscritos na medida que a Bibliografia se encontra vigorada no tratamento de impressos, podemos observar que:

Os manuscritos [...] constituem um ramo da Bibliografia e, por sua escrita, também são patrimônio da Paleografia. Mas é também que "o manuscrito isolado não fala". O manuscrito revela sua mensagem histórica quando comparado com outras espécimes da mesma proveniência. Esta consideração nos leva a aplicar noções até então próprias ao campo do bibliotecário do mundo da ciência arquivística.” (DAIN, 1949, p. 77 apud GARCIA, 1992, p. 22, tradução nossa).

A valorização do livro manuscrito como uma peça arqueológica e sua inserção em um determinado conjunto, de acordo com a metodologia atual de arquivamento, são dois conceitos que esclareceram notavelmente o nebuloso firmamento da bibliologia medieval. (GARCIA, 1992, p. 21, tradução nossa). O que nos reforça um exercício de reflexão sobre o trabalho metodológico, teórico e descritivo à um objeto situado em determinado espaço e tempo.

Além disso, a Codicologia e a Bibliografia e todas as suas variações de estudo, nos permite criar um entrelace entre as duas no sentido de que ambas possui uma metodologia capaz de estudar os dois tipos de suportes tanto o manuscrito e o impresso.

Sendo assim, a partir desta brevíssima incursão teórica entre a Codicologia e a Bibliografia, mostraremos então três exemplos de descrições³⁸ realizadas pela Fundação Biblioteca Nacional (Brasil) tendo em vista a apresentação de alguns aspectos da Bibliografia Material³⁹, que é a vertente que estuda a fisicalidade do livro, a fim se que se faça uma reflexão desses métodos face à Coleção de Livros de Horas.

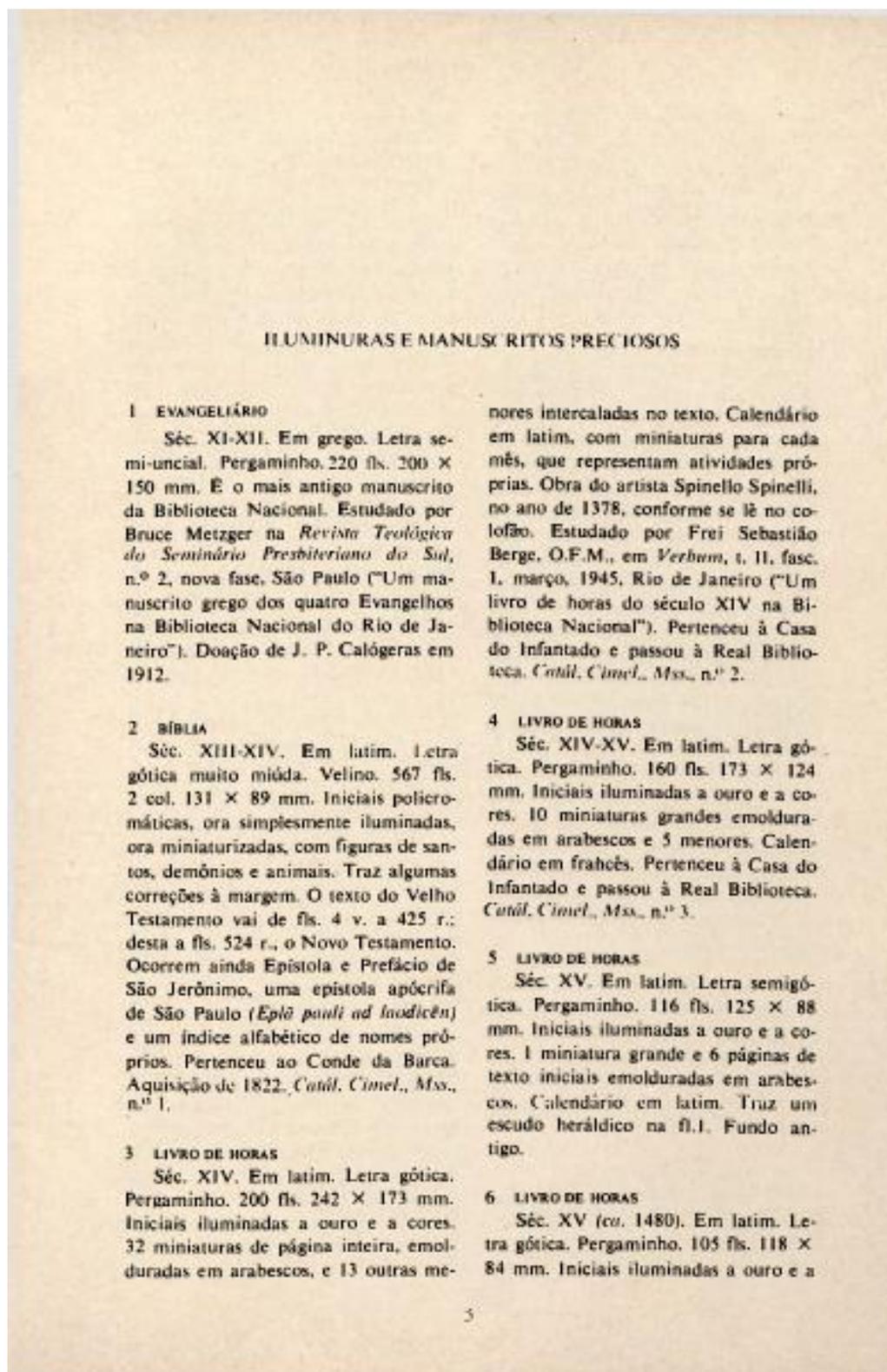
Com isso, nosso primeiro exemplo de descrição (Fig.15) é do catálogo de 1973 sobre manuscritos da instituição.

Este catálogo foi criado em março e abril de 1973 depois da realização de uma exposição de cimélios na Biblioteca Nacional em 1885. ANEXO A – (Iluminura e manuscritos preciosos).

³⁸ Para efeitos de demonstração, escolhemos um manuscrito da Coleção, o Livro de Horas, uso de Auxerre (1480 e 1490) com o intuito de elucidar o tratamento de um mesmo item no processo de descrição.

³⁹ Neste capítulo, a apresentação dos aspectos da Bibliografia, com foco na sua vertente a Bibliografia Material, foi realizada à luz dos estudos trazidos por Phillip Gaskell (1999) onde tem sido o nosso norte de estudo no campo da Bibliografia Material.

Figura 15 - Catálogo da Biblioteca Nacional (1973), Manuscritos (Séc. XII-XVIII)



Fonte: Manuscritos Séc. XII-XVIII (1973, p. 5).

Podemos identificar com este primeiro catálogo, uma lista de obras presentes na instituição no ano de 1973, tendo em vista que esta lista de obras apresenta alguns aspectos de cada manuscrito, como:

- a) Período;
- b) Idioma;
- c) Escritura;
- d) Encadernação;
- e) Descrição material;
- f) Proveniência.

Gaskell (1999) discute dentro do contexto da Bibliografia Material, algumas questões primordiais que devem ser levadas em consideração antes mesmo de se efetuar a elaboração de qualquer descrição bibliográfica.

Ele afirma que: “[...] para decidir o conteúdo e a quantidade do que está incluído, o bibliógrafo terá que se perguntar repetidamente: qual é o propósito da descrição? Quem precisa de cada um dos detalhes das informações? você pode deletar algo?”. (GASKELL, 1999, p. 402, tradução nossa).

Podemos perceber inicialmente com esta primeira imagem, que o processo de descrição está muito associado com uma relação de lista de livros sem muitos detalhes analíticos dos manuscritos.

Com isso, segue um segundo exemplo de descrição realizada. Trata-se do Catálogo dos Livros de Horas da Biblioteca Nacional do Brasil de 2016 (Fig.16, Fig.17, Fig.18, Fig.19 e Fig. 20).

É fundamental destacar neste trabalho este processo de descrição a seguir, porque é uma iniciativa de descrição mais detalhada nesta mesma coleção, desta vez a partir da Codicologia.

Além disso, este catálogo⁴⁰ foi elaborado pela Vera Lúcia Miranda Faillace⁴¹ sobre oito Livros de Horas manuscrito do Séc. XV da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil).

Este catálogo identifica e descreve quatro livros provenientes da Real Biblioteca Portuguesa e outros quatro, de origem da casa do Infantado.

⁴⁰ Ver FAILLACE, Vera Lúcia Miranda. **Catálogo dos livros de Horas da Biblioteca Nacional do Brasil**. Rio de Janeiro: FBN, Coordenadoria de Editoração, 2016.

⁴¹ Atualmente é bibliotecária da Fundação Biblioteca Nacional. Tem experiência na área de livros raros e manuscritos. A elaboração deste catálogo de 2016, foi resultado de pesquisas da dissertação de mestrado da autora. Ver também as referências deste trabalho.

Figura 16 - Catálogo dos Livros de Horas da Biblioteca Nacional do Brasil (2016), descrição do Livro de Horas, uso de Auxerre (1480 e 1490) (Parte 1)

7. Ms. 50, 1, 023 - Livro de horas, uso de Auxerre.	
Texto	
ff. 2-13v	Calendário Calendário em francês, alternando o vermelho e marrom. Destacam-se os santos: (20 jan.) São Sebastião; (22 jan.) São Vicente; (24 jan.) São Sabiniano; (4 fev.) São Aventino; (14 abr.) São Tibúrcio; (4 maio) Santa Helena; (7 maio) Santa Mastidia; (9 maio, trasladação) São Lopo; (24 jun.) São João Batista; (19 jul.) São Frauberto; (26 jul.) São Urso; (9 out.) São Dionísio; (20 out.) Santo Aderaldo; (24 nov.) São Clemente; (6 dez.) São Nicolau; (26 dez.) Santo Estevão.
ff. 14-16v	Passagens dos Quatro Evangelhos
f. 14	[João]
ff. 14-15	"...Sequencia sancti euuangelii secundum// lucam."
ff. 15-16	"...Secundum matheum..."
ff. 16-16v	"...Secundum marcum..."
f. 16v-20v	Orações à Virgem
f. 16v	"...Oratio deuota beate marie virginis// Obsecro te domina// sancta maria mater..."
f. 18	"...Et// michi famulo tuo N. impetres a dil// lecto filio tuo ...", adaptado para um homem (LEROQUAIS, 1927, v. 1, p. XXXIV).
ff. 19-20v	"Oratio// O Intemerata et in eternum bel// nedita singularis... indignissimis et esto...// peccatori pia et in omnibus auxiliatrix// ...O iohannes beatissime..." (WILMART, 1932, p. 488-490).
ff. 21-46	Horas da Virgem, uso de Auxerre (cf. BERGE, [1973?], cap. 6, n. 5).

Figura 17 - Catálogo dos Livros de Horas da Biblioteca Nacional do Brasil (2016), descrição do Livro de Horas, uso de Auxerre (1480 e 1490) (Parte 2)

ff. 21-26v	Matinas
ff. 26v-32v	Laudes “... <i>In laudibus dicitur...</i> ”
ff. 32v-35v	Prima “ <i>Ad primam seq...</i> ”
ff. 35v-37v	Terça “ <i>Ad tertiam dicitur...</i> ”
ff. 37v-39	Sexta “... <i>Ad iij...</i> ”
ff. 39-40v	Nona “ <i>Ad nonam dicitur...</i> ”
ff. 40v-43v	Vésperas “ <i>Ad vespervas dicitur...</i> ”
ff. 43v-46	Completas “ <i>Ad completorium...</i> ”
ff. 47-49v	Horas da Cruz
f. 47v	“... <i>sanctam crucem tuam redemist mundum// ...</i> ”
f. 49v	Oração “ <i>Oratio ad crucem// Crucem tuam adoramus et veneramus [sic] domine ihesu christe...</i> ” (LEROQUAIS, 1927, v. 1, p. 109)
ff. 50-52	Horas do Espírito Santo
f. 50	“ <i>Domine labia mea a//peries...</i> ”
f. 52 -52v	Oração “... <i>Oratio deuota beate marie virginis// Salue regina misericordie uita dulce...</i> ” (ANALECTA..., 1886-1922, v. 50 (1907), p. 318-319, n. 245) (cf. BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE, 1994, p. 70).
ff. 53-60	Salmos Penitenciais
f. 53	“ <i>Domine ne in furore tuo// arguas me...</i> ”
ff. 60-62v	Litanias
f. 60	“... <i>Letaniam// Kyrieleyson...</i> ”
ff. 61-62	“ <i>Sancte blasil// ...Sancte martine...// Sancte luppe...// Sancte germane...// Sancte remigi...// ...Sancta paladia...// Sancta barbara...</i> ”

Figura 18 - Catálogo dos Livros de Horas da Biblioteca Nacional do Brasil (2016), descrição do Livro de Horas, uso de Auxerre (1480 e 1490) (Parte 3)

ff. 63-80	Ofício dos Defuntos, uso de Auxerre (cf. OTTOSEN, 1993, p. 189).
f. 65v Lec.I	" <i>Parce michi domine...</i> " (Job 7: 16-21)
f. 66 R	" <i>Qui Lazarum resuscitasti...</i> " (72)
f. 66 Lec.II	" <i>Tedet animam meam...</i> " (Job 10: 1-7)
f. 66v R	" <i>Credo quod redemptor...</i> " (14)
f. 66v Lec.III	" <i>Manus tue fecerunt...</i> " (Job 10: 8-12)
f. 67 R	" <i>Libera me domine de viis...</i> " (40)
f. 70 Lec.IV	" <i>Quantas habeo iniquitates...</i> " (Job 13: 23-28)
f. 70v R	" <i>Heu michi...</i> " (32)
f. 70v Lec.V	" <i>Homo natus de muliere...</i> " (Job 14: 1-6)
f. 71 R	" <i>Beati mortui...</i> " (8)
f. 71 Lec.VI	" <i>Quis michi hoc...</i> " (Job 14: 13-16)
f. 71 R	" <i>Congregati sunt...</i> " (12)
f. 75v Lec.VII	" <i>Spiritus meus...</i> " (Job 17: 1-3+11-15)
f. 75v R	" <i>Peccantem me...</i> " (68)
f. 76 Lec.VIII	" <i>Pelli mee...</i> " (Job 19: 20-27)
f. 76v R	" <i>Indutta caro mean...</i> " (36)
f. 76v Lec.IX	" <i>Quare de vulva...</i> " (Job 10: 18-22)
f. 77 R	" <i>Libera me domine de morte...</i> " (38)
ff. 79v-80	" <i>...Alia oratio!! Deus venie largitor et humanal! ...concedas!! ...Alia oratio!! Fidelium deus omnium condil!tor et redemptor...!! ...in pace. Amen.</i> "

Descrição material

Em pergaminho, raiado em tinta vermelha, 19 linhas no geral. 170 x 115 mm (mancha do texto: 105 x 75 mm). 82 ff. 11 cadernos.

Os ff. 1, 46v, 80v e 81 estão em branco.

Vestígios de reclamos, na posição vertical, nos ff. 36v, 44v e 68v.

Falta o fólio com o início do Evangelho de São João e, provavelmente, a miniatura de abertura das Passagens dos Quatro Evangelhos.

Possui uma foliação a lápis, na margem inferior, no canto direito.

Restauração antiga costurada do pergaminho nos ff. 65 e 73.

165

CATÁLOGO DOS LIVROS DE HORAS DA BIBLIOTECA NACIONAL DO BRASIL

Fonte: Faillace (2016, p. 115).

Figura 19 - Catálogo dos Livros de Horas da Biblioteca Nacional do Brasil (2016), descrição do Livro de Horas, uso de Auxerre (1480 e 1490) (Parte 4)

Escritura e decoração

[França], 1480-1490.

Texto em latim. Letras góticas em vermelho, marrom e ouro.

Estão rubricados os *incipitus*, os hinos, as horas canônicas, versículos, responsórios, lições, etc.

Abrindo cada mês do calendário, as letras K e L (*kalendas*), iniciais *champies*, ouro sobre fundo vermelho e azul.

Seis miniaturas de meia página inseridas em cercaduras em ouro, retangulares e arredondadas na parte superior. A primeira miniatura de meia página foi inserida erroneamente pelo encadernador entre o f. 1 e o f. 2. Trata-se da miniatura da descida do Espírito Santo (Pentecostes), outra miniatura de Pentecostes abre as Horas do Espírito Santo, f. 50. Iniciando as Horas da Virgem: (f. 21, matinas) Anunciação. Iniciando as Horas da Cruz: (f. 47) Crucificação. Iniciando as Horas do Espírito Santo: (f. 50) Pentecostes. Iniciando Os Salmos Penitenciais: (f. 53) Davi e Golias. Iniciando o Ofício dos Defuntos: (f. 63) A Morte em Pé em um Sarcófago.

Bordaduras com motivos florais, folhagens e frutos coloridos e com predominância do ouro, em torno das miniaturas e nas laterais direita dos ff. 1v, 26v, 32v, 35v, 37v, 39, 41 e 43v. Somente o f. 16v apresenta bordadura na lateral esquerda e no *bas-de-page*. No *bas-de-page* da miniatura da Anunciação desenho de um animal com duas patas, rosto humano e um elmo dourado. As margens da miniatura de Davi e Golias estão em vermelho, destoando das demais miniaturas que estão sem cor. Capitais ornamentadas de grande porte e iniciais *champies*, de médio porte, ouro sobre fundo vermelho e azul. Os finais de linha da Litania são volutas, alternando o vermelho e o azul.

Histórico

O texto foi escrito por diversas mãos.

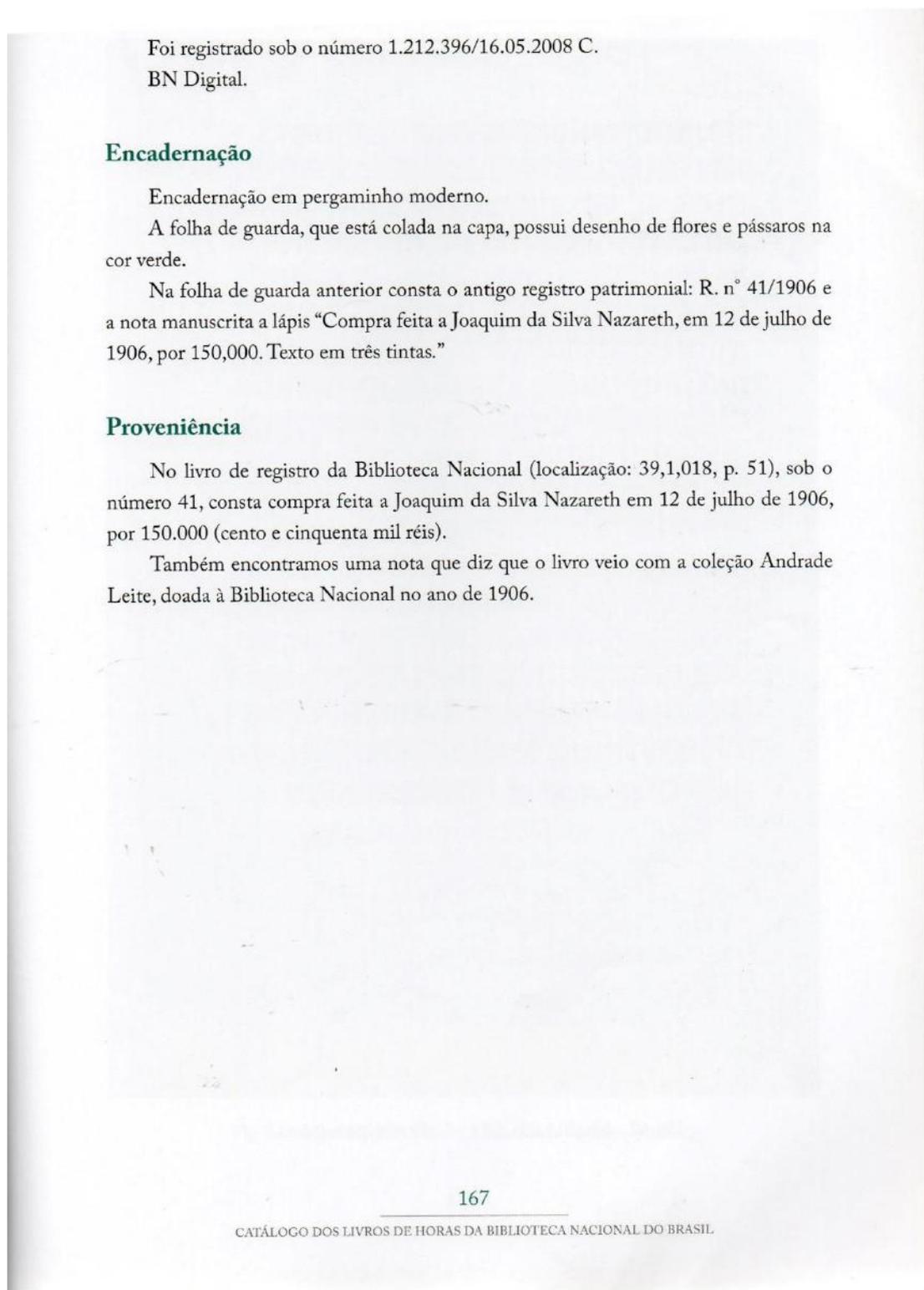
François Avril distingue mãos de dois artistas, sendo o principal de Troyes.

Nota: "...o encadernador inseriu uma f. avulsa, contendo o início das Horas do Espírito Santo (já existente no livro nos f. 50r até 52r), não pertence ao códice apesar de sua pintura ...feita da mesma mão..." (BERGE, [1973?], cap. 6, n. 5).

Todos os fólhos possuem o carimbo antigo: "Bibliotheca Nacional – Secção de Manuscriptos – Rio de Janeiro".

Ex-libris gravado da Biblioteca Nacional colado na capa, desenhado por Eliseu Visconti, Rio de Janeiro, 1903, com a antiga localização: I-15-1-n°81.

Figura 20 - Catálogo dos Livros de Horas da Biblioteca Nacional do Brasil (2016), descrição do Livro de Horas, uso de Auxerre (1480 e 1490) (Parte 5)



Fonte: Faillace (2016, p. 116).

Faillace (2016) apresentou neste catálogo, alguns aspectos codicológicos analisados nesta Coleção tais como:

- a) Texto;
- b) Descrição material;
- c) Escritura;
- d) Decoração;
- e) Histórico;
- f) Encadernação;
- g) Proveniência.

Este catálogo possui ao todo, uma parte teórica e histórica do período do Medievo como também, discute sobre a tipologia dos Livros de Horas para depois adentrar na parte da descrição da Coleção.

Do ponto de vista metodológico é importante frisar que a Fundação Biblioteca Nacional (Brasil) em questões de tratamento da informação que vai desde a catalogação à representação da informação, obedece também, alguns critérios internacionais que merecem destaque também neste trabalho ANEXO B – (Descrição dos Livros de Horas).

Importante entender também que “[...] os fatos reunidos pela Bibliografia não foram projetados apenas para auxiliar colecionadores e bibliotecários a identificar livros em sua posse, mas para que possam ser catalogados adequadamente ou ter seu valor comercial avaliado.” (BOWERS, 1962, p.8, tradução nossa).

Dito isto, a seguir podemos observar o último exemplo de descrição (Fig. 21 e Fig. 22) no Registro do Livro de Horas na Base de Dados *BNDIGITAL* realizada pela Fundação Biblioteca Nacional (Brasil).

Figura 21 - Registro do Livro de Horas, uso de Auxerre (1480 e 1490) na Base de Dados *BNDIGITAL* (parte 1)

	Tipo de documento	Manuscrito
	Idioma	Latim
	Número de chamada	
	CDD	264.024
	Loc. original	CF-050,01,023 - Manuscritos
	Título	Livro de horas, uso de Auxerre [Manuscrito]
	Imprenta	França : [s.n.], [entre 1480 e 1490].
	Descrição original	82 ff., enc. : Pergaminho, il. ; 170 x 115 mm (mancha do texto 105 x 75 mm).
	Notas	
	Gerais	Os ff. 1, 46v, 80v e 81 estão em branco. Estão faltando: o fôlio com o início do Evangelho de São João e, provavelmente, a miniatura de abertura das Passagens dos Quatro Evangelhos
	Custódia	Biblioteca Nacional (Brasil)
	Idioma	lat
Sites relacionados		
PDF	http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1212396/mss1212396.pdf	
HTM	http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1212396/mss1212396.html	
Assuntos	<ol style="list-style-type: none"> 1. Igreja Católica - Orações e devoções 2. Livros de horas - Europa - Séc. XV 3. Catholic Church - Prayers and devotions 4. Books of hours - Europe - 15th century 5. Iluminuras de livros e manuscritos - Europa - Séc. XV 6. Illumination of books and manuscripts - Europe - 15th century 7. Calendário litúrgico - Europa - Séc. XV 8. Church calendar - Europe - 15th century 	
Título não controlado	Breviário : livro de horas	
Link do título	http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=23093	

Fonte: (BNDIGITAL, 2020, não paginado). Acesso em: 21 jun. 2020.

Figura 22 - Registro do Livro de Horas, uso de Auxerre (1480 e 1490) na Base de Dados *BNDIGITAL* (parte 2)

Descrição complementar do material	
Scanner	Imacon Hasselblad H3D
Software	FlexColor 4.8
Resolução	300 dpi
Backup	HD-131 DVD-2650_2659 01/2011 DVD-2651 DVD-2652 DVD-2653 DVD-2654 DVD-2655 DVD-2656 DVD-2657 DVD-2658 DVD-2659
Colorido	sim
 Selecionar  Referência	

Fonte: (BNDIGITAL, 2020, não paginado). Acesso em: 21 jun. 2020.

Podemos observar esta descrição deste Livro de Horas, depois de passar pelo processo da catalogação e onde depois, foi inserido nesta base de dados, que registra sua representação descritiva e temática através do vocabulário controlado. Sendo assim, esta descrição representa alguns campos específicos dentro da catalogação tais como:

- a) Tipo do documento;
- b) Idioma;
- c) Número de chamada;
- d) Classificação Decimal de Dewey;
- e) Localização original;
- f) Título;
- g) Imprensa;
- h) Descrição Física;
- i) Anotações gerais;
- j) Custódia;
- k) Assuntos;
- l) Descrição complementar do Material.

O trabalho de descrição da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), evidencia um excelente exercício teórico e metodológico nessa Coleção de Livros de Horas. Todavia, observando o nosso objeto de investigação em si, podemos dilatar a forma de tratamento documental dos Livros de Horas e, ainda, de forma preliminar, discorrer sobre alguns aspectos para o trabalho descritivo à luz da Bibliografia Material.

Com isso, no campo da Bibliografia Material Gaskell (1999) supõe que a descrição bibliográfica deveria avançar do ponto de vista das seguintes técnicas:

As técnicas de descrição utilizadas na literatura analítica podem ser classificadas em cinco seções.

- 1) a transcrição, ou reprodução, da página de rosto etc., em que a informação é gravada ao mesmo tempo e é fornecida a identificação;
- 2) uma fórmula taquigráfica convencional em que se analisa o formato e a estrutura do livro (o agrupamento) e que, ao analisar o processo de sua elaboração, fornece algumas explicações sobre os passos dados em sua produção; Adicionam-se também, como provas complementares de integridade e identidade, algumas notas sobre a classe das assinaturas, o número de folhas e a paginação;
- 3) uma descrição técnica que fornece detalhes como números de impressão, tipo de letra, papel e intercalações;

- 4) alguns detalhes sobre o conteúdo do livro;
- 5) anotações sobre quaisquer outras informações que possam lançar luz sobre a História do Livro; e um registro dos exemplares examinados. (GASKELL, 1999, p. 402, tradução nossa)

Com a Bibliografia Material é importante entender que “[...] por outro lado, a quantidade de material a ser transcrito deverá ser decidida de acordo com as necessidades de cada bibliografia e a disponibilidade de meios de reprodução fotográfica.” (GASKELL, 1999, p. 404-405, tradução nossa).

A análise mais detalhada da coleção a partir dos conhecimentos teóricos e práticos da Bibliografia Material, poderá auxiliar, por exemplo, a delimitar com mais exatidão o contexto e o local de fabricação.

Por outro lado, se o objeto da Bibliografia for o trabalho de um determinado impressor, a tipografia e o papel dos livros deverão ser descritos detalhadamente, podendo ser omitidas informações sobre o conteúdo. (GASKELL, 1999, p. 402, tradução nossa).

Contudo, nesses trabalhos de descrição e observando o objeto em si, o Livro de Horas, podemos refletir através da Bibliografia Material, a importância desta disciplina, na contribuição da mesma no processo de estudo do livro enquanto objeto material, estudo do exemplar, percorrendo assim, a História do Livro, a História das Edições, buscando cada vez mais, detalhes de conteúdo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O mundo está cheio de livros fantásticos que ninguém lê.”

(Umberto Eco)

Durante todo o processo de pesquisa deste trabalho de conclusão de curso, tinha como propósito inicial, a ideia de desenvolver, mesmo que de forma preliminar, uma descrição bibliográfica à luz da Bibliografia Material na referida Coleção de Livros de Horas da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Entretanto, foi decidido dar continuidade nesta parte empírica de estudo mais à frente.

Acreditamos, ainda, que as abordagens trazidas por autores do campo da Bibliografia Material (tais como BOWERS, 1962; GASKELL, 1999 e HARMON, 1981) sugerem maior aprofundamento no estudo da materialidade do livro, o que envolve observação rigorosa dos métodos que compõem a sua elaboração e de marcas que compõem os seus usos sociais.

Estou consciente que neste momento, o andamento deste processo de pesquisa dependerá da necessidade de uma agenda de pesquisa para o trabalho aprofundado de inferências neste campo de estudo que possa, até mesmo, adentrar no campo da organização do conhecimento (catalogação, ordenação e representação descritiva). Ao aproximar a Bibliografia e os seus princípios, criamos um terreno para posteriormente aprofundar tais questões.

Sendo assim, este presente trabalho tem a sua importância no sentido de propor uma reflexão inicial através do processo histórico da Bibliografia, adentrar em suas tipologias e vertentes, também discorrer um pouco sobre algumas características estéticas e documentais dos Livros de Horas, a fim de que se possa, posteriormente, compreendermos o lugar da Bibliografia Material nas instituições de memória.

Todavia, o Livro de Horas é, tradicionalmente, um objeto de estudo da historiografia medieval. Observar e analisar essa tipologia de texto considerando a sua representatividade como objeto de análise material é ponte para futuras pesquisas.

Quando iniciamos esta pesquisa buscamos discorrer sobre os principais conceitos do termo Bibliografia. Com isso, percebemos que este termo está associado à diversos conceitos, onde a Bibliografia é uma disciplina que nos remete a ideia tanto de um método quanto de um produto documental, pois ela possui características epistemológicas desta forma.

Seguindo assim, consideramos necessário também fazer uma breve discussão através do processo histórico da Bibliografia, destacando a origem do trabalho bibliográfico, suas principais concepções ao longo da história. A Bibliografia possui diversas variações, mostrando-se desde na relação inicial de índice, de catálogo, até ela se constituir como a própria Bibliografia, com seu próprio termo, suas teorias e seus métodos ainda mais evoluídos.

Destacam-se, ainda, o trabalho dos principais bibliógrafos desde o período da Antiguidade até a Modernidade, e com as produções bibliográficas que tiveram uma grande importância informacional para o contexto de cada período.

Ainda no mesmo percurso, é fundamental discutir, mesmo que de uma forma geral, as principais vertentes e tipologias da Bibliografia, destacando-se, assim, suas atividades no campo onde a Bibliografia assume um caráter histórico, descritivo e analítico na visão de cada autor pontuado.

No caminho das vertentes da Bibliografia chegamos na Bibliografia Material que foi escolhida para esta pesquisa, com o intuito da importância do estudo da materialidade do livro, da análise material, das suas características intrínsecas e extrínsecas para este propósito de pesquisa. Foi explorado também neste trabalho, desde o seu termo onde se associa tanto à Bibliografia Analítica, Descritiva quanto a Bibliografia Material, que possuem métodos científicos semelhantes.

Nosso percurso nos direcionou para uma discussão dos principais conceitos do Livro de Horas, desde seu histórico com seu surgimento, até sua importância para a sociedade no Medievo. Importante também, discutir mesmo que de uma forma breve, as principais características que compõem essa tipologia de livro no Medievo. E com isso, destacar a Coleção que esta pesquisa tem como foco que é a Coleção de Livros de Horas da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil) e, com isso, mostrar como é esta Coleção e suas principais características.

Com isso, através de uma breve reflexão sobre o processo prático da Bibliografia Material, direcionamos esta pesquisa para a descrição bibliográfica. Por meio da escolha de se atribuir possíveis contribuições da Bibliografia Material a esta Coleção de Livros de Horas, me propus a uma aproximação da Bibliografia Material e a Codicologia, em função de elementos convergentes entre as duas disciplinas quanto ao estudo da descrição do livro. Uma observação rigorosa de seus princípios nos permite realizar sua aplicação tanto a impressos quanto a manuscritos.

Todavia, entendemos que o estudo em questão lidou com uma coleção de manuscritos medievais que apresenta, portanto, elementos característicos da história do manuscrito medieval, a exemplo das intervenções dos copistas, miniaturistas, iluministas, dentre outros.

A ideia não foi comparar elementos de origem manuscrita aos elementos de origem impressa, como as intervenções dos tipógrafos e a própria tipografia. Além disso, este trabalho compreende que existem elementos próprios entre a Codicologia e a Bibliografia Material, porém de natureza convergente⁴². O intuito foi dilatar o escopo da Bibliografia Material para além do impresso, ainda que seja uma vertente da Bibliografia que emerge da experiência do impresso.

Sendo assim, respondendo ao problema de pesquisa inicialmente formulado, identificamos e concluímos que a Bibliografia Material contribui para observação mais apurada dos seguintes elementos que contornam a Coleção de Livros de Horas da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil).

- a) elementos da História do Livro (sua dimensão social e cultural);
- b) elementos da produção do livro;
- c) elementos referentes à descrição dos aspectos gráficos e materiais da edição;
- d) elementos referentes à descrição dos aspectos formais do exemplar.

Ao longo deste trabalho, a apresentação de alguns aspectos da Bibliografia Material, foi possível identificar primeiramente, que o estudo aprofundado nesses quatro tópicos nos permite ter uma maior propriedade neste estudo.

Com relação a História do Livro e a Bibliografia, elas devem andar juntas, na medida em que, para fazer um trabalho de Bibliografia com eficiência, é preciso reconstituir a trajetória do livro, compreender o processo histórico desde à origem, produção até a disseminação na sociedade.

Sendo assim, através dos elementos de produção do livro é importante entender que este processo, é de produção manuscrita. Com o trabalho dos copistas, iluministas, miniaturistas, encadernadores até a sua comercialização. Os aspectos gráficos e materiais da

⁴² Reconhecemos que um caminho para o estabelecimento do enlace entre a Bibliografia Material e Codicologia é realização da comparação dos métodos de cada disciplina, o que não é escopo deste presente estudo.

edição, nos permite um olhar para todos os aspectos que compõem os manuscritos, como o suporte, marcas de proveniência, as cópias, dentre outros.

Todavia, explorar cada vez mais os elementos referentes à descrição, mas dos aspectos formais do exemplar, o que nos permite analisar e entender todas as características do livro, considerando assim, um estudo através da sua materialidade e da sua temática. Cada exemplar possui particularidades que devem ser exploradas de forma aprofundada até mesmo para identificá-lo e tratá-lo.

Foi possível perceber também, a necessidade dessa discussão dessa temática que nos proporciona, adentrar nos campos da Biblioteconomia e da Ciência da informação, o que me colocou de frente às disciplinas como a Bibliografia Material e a Codicologia onde não são estudadas na graduação. Portanto, a partir do percurso feito até aqui, é fato que a Bibliografia Material é mais do que uma disciplina. Ela reflete ao título deste trabalho.

A Bibliografia Material é uma verdadeira lupa por onde podemos atravessar a História do Livro em toda a sua dimensão social e cultural, até que possa nos conduzir também, para a produção do livro onde nos direciona a cada particularidade do livro, para construir assim, todos esses percursos a fim de ajudar cada vez mais, a compreendermos a importância do livro na História e nas instituições de memória.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Andre Vieira de Freitas. **Sobre a eminência e o eco da Bibliografia**: nos rastros do método bibliográfico gesneriano e dos fundamentos do campo. 2018. Tese (Doutorado em Cultura e Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-13092018-144446/pt-br.php>>. Acesso em: 25 maio 2020.

_____. Pioneirismo bibliográfico em um polímata do séc. XVI: Conrad Gesner. **Informação & Informação**, [S.l.], v. 20, n. 2, p. 118-142, 2015. ISSN 1981-8920. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/23127>>. Acesso em: 25 maio 2020.

ARAÚJO, Diná Marques Pereira; DOS REIS, Alcenir Soares. Bibliotecas, Bibliofilia e Bibliografia: alguns apontamentos. **Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 7, p. 183-201, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/118770>>. Acesso em: 02 set. 2019.

AVRIL, François. Le fonds des livres d'heures enluminés de la Biblioteca Nacional do Brasil. **Catálogo dos Livros de Horas da Biblioteca Nacional do Brasil**. Rio de Janeiro: FBN, Coordenadoria de Editoração, 2016.

BALSAMO, Luigi. **La bibliografia**: historia de uma tradición. Gijón: Trea, 1998.

BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal**: do ano mil à colonização da América. Tradução de Marcelo Rede. São Paulo: Globo, 2006.

BARBIER, Frédéric. **História das Bibliotecas**: de Alexandria às bibliotecas virtuais. São Paulo: EDUSP, 2018.

BELO, André. **História & Livro e Leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, (Histórias &...reflexões,3), 2002.

BOWERS, Fredson. **Principles of Bibliographical Description** Bowers, Repr. New York: Russell & Russell, 1962.

BURKE, Peter. História Cultural: passado, presente e futuro. **In: O Mundo como Teatro**, São Paulo: DIFEL, 1992.

BNDIGITAL. 2020. *Online*. Português (Brasil). Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital/>. Acesso em: 21 jun. 2020.

CUNHA, Murilo B. da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2008.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

DE HAMEL, Christopher. **Scribes and illuminators**. University of Toronto Press, 1992.

DESIGNTBRSGRAPHIC. 2011. *Online*. Disponível em: <https://designtbrsgraphic.wordpress.com/2011/12/10/las-capitulares/>. Acesso em: 27 jan. 2020.

ENSSIB Villeurbanne. Notas de aula. 2005. *Online*. Francês (França). Disponível em: <http://mediatheque.jura.fr/le-metier/boite-a-outils/fonds-anciens-et-patrimoniaux/54-introduction-a-la-bibliographie-materielle>. Acesso em: 04 set. 2020.

ESDAILE, Arundell James Kennedy. **Esdaile's manual of bibliography**. 4. ed. rev. London: 1958.

FAILLACE, Vera Lúcia Miranda. **Catálogo dos Livros de Horas da Biblioteca Nacional do Brasil**. Rio de Janeiro: FBN, Coordenadoria de Editoração, 2016.

_____. **Catálogo dos Livros de Horas da Biblioteca Nacional do Brasil**. Dissertação (Mestrado Profissional em Bens Culturais) - Fundação Getúlio Vargas, CPDOC, Rio de Janeiro. 2009. Disponível em: < <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/2694> >. Acesso em: 24 jun. 2020.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico**. São Paulo: EDUSP, 2008.

FISHER, Steven Roger. **História da leitura**. Tradução de Cláudia Freire. São Paulo: Unesp, 2006.

GASKELL, Philip. **A New Introduction to Bibliography**. Oak Knoll, 1995.

_____. **Nueva introducción a la bibliografía material.** Ediciones Trea, 1999.

HARMON, Robert Bartlett. **Elements of bibliography:** a simplified approach. Scarecrow Pr, 1981.

LARA, Marilda Lopes Ginez de. Conceito de bibliografia, ou conceitos de bibliografia?. **Informação & Informação**, v. 23, n. 2, p. 127-151, 2018. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/34501>>. Acesso em: 02 set. 2019.

LIVRO de horas, uso de Auxerre. França: [s.n.], [entre 1480 e 1490]. 82 ff., enc., Pergaminho, il., 170 x 115 mm (mancha do texto 105 x 75 mm). Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1212396/mss1212396.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2020.

LIVRO de horas, uso de Paris. [França]: [s.n.], [14--]. 160f. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss_50_1_016.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2020.

LIVRO de horas, uso de Rouen. França: [s.n.], [1430?]. 158 f., enc., pergaminho, il., 185 x 135 mm (mancha do texto 100 x 65 mm). Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1212393/mss1212393.pdf>. Acesso em: 20 set. 2020.

LIVRO de horas, uso de Rouen. Rouen [França]: [s.n.], [entre 1460 e 1470]. 132 ff., enc., pergaminho, il., 195 x 130 mm (mancha do texto 95 x 65 mm). Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1212395/mss1212395.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2020.

LIVRO de horas, uso de Roma. Rouen [França]: [s.n.], [final do séc. XV]. 102 f., enc., pergaminho, il., 215 x 135 mm (mancha do texto 130 x 70 mm). Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss35452/mss35452.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2020.

LIVRO de horas, uso de Roma. Bruges [Bélgica]: [s.n.], [entre 1450 e 1480]. 117 ff., enc., pergaminho, il., 135 x 90 mm (mancha do texto 70 x 45 mm). Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1212397/mss1212397.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2020.

LIVRO de horas, uso de Roma. Provence [França]: [s.n.], [ca. 1460]. 64 f., enc., Pergaminho, il., 185 x 135 mm (mancha do texto 110 x 70 mm). Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1212394/mss1212394.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2020.

LIVRO de horas, uso de Sarum. Bruges [Bélgica]: [s.n.], [entre 1450 e 1460]. 200 ff., enc., pergaminho, il., 250 x 175 mm (mancha do texto 130 x 80 mm). Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1212389/mss1212389.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2020.

LOVETT, Patricia. **The Art and History of Calligraphy.** London: British Library, 2017.

MANUSCRITOS, Séc. XII-XVIII: pergaminhos iluminados e documentos preciosos. Catálogo de exposição. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1973.

MEDIEVALFRAGMENTS. 2013. *Online.* Disponível em: <<https://medievalfragments.wordpress.com/2013/01/25/pondering-the-physical-scriptorium/>>. Acesso em: 05 out. 2020.

MONTE, Vanessa Martins. Uma descrição codicológica: documentos setecentistas. **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 10-11, p. 103-120, 2009. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59818>>. Acesso em: 20 set. 2020.

MORALEZ LÓPEZ, Valentino. **El desarrollo histórico del concepto bibliografía. Investigación Bibliotecológica**, México, v. 14, n. 29, p. 151-166. 2000. Disponível em: <<http://www.revistas.unam.mx/index.php/ibi/article/view/3949/0>>. Acesso em: 20 out. 2019.

MCKENZIE, Donald Francis. **Bibliografia e a Sociologia dos textos.** São Paulo: Edusp, 2018.

NOGUEIRA, Wesley Augusto. O livro como uma força na História: a bibliografia como fonte de informação e método de pesquisa. **Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 7, p. 152-164, 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/incid/article/view/118779>>. Acesso em: 02 set. 2019.

REYES GÓMEZ, Fermín de los. **Manual de bibliografía.** Madrid: Catalia, 2010.

RUÍZ GARCÍA, Elisa. **Hacia una semiología de la escritura.** Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez; Pirámide, 1992.

SERRAI, Alfredo. História da biblioteca como evolução de uma idéia e de um sistema. **Revista Escola de Biblioteconomia.** UFMG, v. 4, n. 2, p. 141-61, 1975. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/reb/>>. Acesso em: 02 set. 2019.

STOKES, Roy. **The function of bibliography.** Second edition. 1982.

SOUZA, Maria Izabel Escano Duarte de. **A Coleção de Livros de Horas da Real Biblioteca Portuguesa**. Atas do 36º Colóquio Do Comitê Brasileiro De História Da Arte, 2016. Disponível em:
<http://www.cbha.art.br/coloquios/2016/anais/pdfs/3_maria%20isabel%20escano.pdf>.
Acesso em: 20 set. 2020.

TOLENTINO, Vinicius de Souza; ORTEGA, Cristina Dotta. A descrição sob o ponto de vista da catalogação, da bibliografia e da catalografia. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 21, n. 46, p. 2-18, 2016. Disponível em:<<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/34391>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

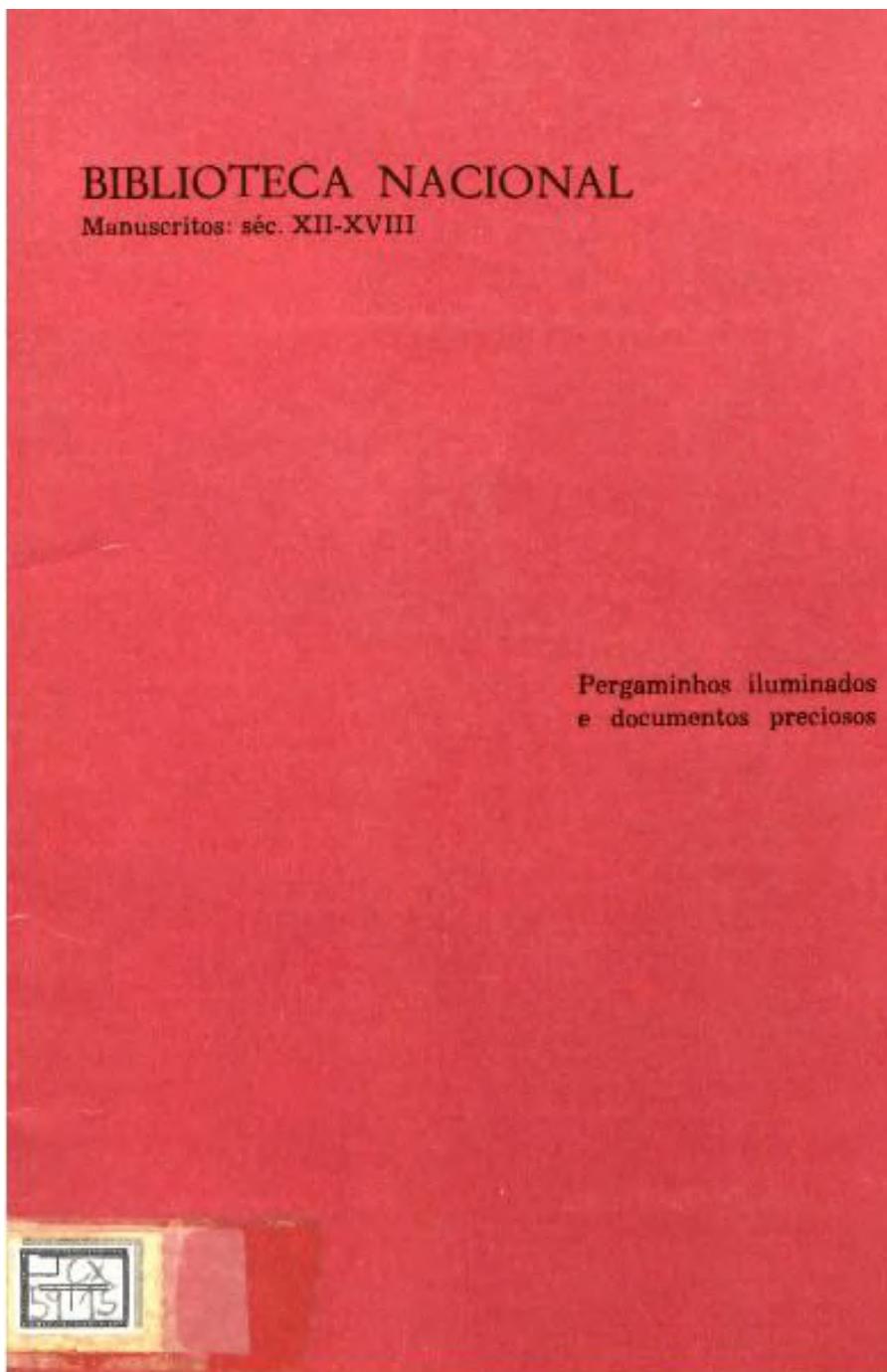
WIECK, Roger S. Painted prayers: **The Book of Hours in Medieval and Renaissance Art**. New York: George Braziller, 2004.

_____. Time Sanctified: **The Book of Hours in Medieval Art and Life**. 2. ed. New York: George Braziller; Baltimore: The Walters Art Museum, 2001.

VARRY, Domeniqui. **Qu'est-ce que la bibliographie matérielle ?** Paris, 2011. Disponível em: <<http://dominique-varry.enssib.fr/node/31>>. Acesso em 12 out. 2019.

_____. **Les techniques de la bibliographie matérielle et l'identification d'impressions anciennes**. [s.l.]:[s.d.]. Disponível em: <<https://www.bn.gov.ar/recursos/conferencias/pdfs/Varry-Lestecniquespresentacion.pdf>>.
Acesso em 20 jun. 2020.

ANEXO A - Iluminura e manuscritos preciosos (Manuscritos Séc. XII-XVIII, 1973, p. 1-7.)



Catálogo da exposição realizada em março e abril de 1973

Biblioteca Nacional (Brasil).

Manuscritos: sec. XII-XVIII, p
ergaminhos iluminados e docume
ntos preciosos.

SIC

(620428/83)



MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA — DAC — BIBLIOTECA NACIONAL
BRASIL

1973-31-970-752



BIBLIOTECA NACIONAL

Manuscritos: séc. XII-XVIII

Pergaminhos iluminados
e documentos preciosos

CX. 59
m. 15

DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO
Rio de Janeiro — 1973

BN-00035383-3



Coza 4.28-el
28-11-1983



Sant'Anna. Livro de Horas de S. Spinelli. fl. 26v. (1378)

016.07

SPINELLI

APRESENTAÇÃO

Dentro dos limites que convinha lhe fossem traçados, a exposição que ora realiza a Biblioteca Nacional pretende ser sobretudo didática. Por isso, desdobra-se primeiro numa visão universalista e abre-se, afinal, na perspectiva da formação brasileira.

De um lado, o sentimento religioso, o humano impulso de aventura, o desabrochar das artes e ciências assinalam-se em sete séculos de cultura; de outro, três séculos de vida nacional se documentam na linha que, partindo das mais antigas notícias da terra e da gente, chega à obra de naturalistas patrióticos e poetas de Setecentos.

A conveniência de que a exposição fosse não simples acúmulo de preciosidades, mas algo articulado, exigia que ela se restringisse no tempo e na temática. Daí que se haja optado, no que concerne ao aspecto geral, pela apresentação de livros devocionais, passando-se em seguida à documentação relacionada com a vida política e cultural da Península Ibérica. Assim, aos livros de horas e breviários medievo-renascentistas, que espelham, em certo momento, a conjunção de requinte artístico e fervor religioso, sucedem, na mostra, os exemplos da grandeza peninsular à mesma época: cartas e diplomas régios, crônicas dinásticas, relatos das conquistas de povos e de almas em terras de todo o mundo e, depois, escritos proféticos, ou laudatórios, e os frutos da rigorosa aplicação do espírito à criação literária e à indagação científica.

A maior parte de tais manuscritos é exposta pela primeira vez. Desde a Exposição dos Cimérios da Biblioteca Nacional, realizada em 1885, não se reuniam em tal quantidade peças de tão subido valor: pergaminhos iluminados, mapas seiscentistas, exemplares caligráficos que vão do século XII ao XVIII harmonizam-se com preciosíssima coleção de gravuras originais, provindas, as mais antigas delas, de fins da Idade Média. Daquela mostra, poucas peças são agora rerepresentadas, o que evidencia a riqueza da atual escolha.

No que se refere à parte nacional, não é menos significativa a seleção. Os mais velhos manuscritos que se mostram têm quase a idade de nossa descoberta: cartas jesuíticas — de Nóbrega, Anchieta, Luís de Gran — que se datam desde 1549; tombo de cartas de sesmarias assinadas por

Cristóvão de Barros e Salvador Correia de Sá, etc. Um roteiro, que se poderia deduzir da distribuição das obras expostas, vem do século XVI ao final do XVIII, ou seja, do reconhecimento da terra às vésperas da emancipação política: administração de vice-reis e governadores, literatura geográfica, capitânicas do Norte, ocupação holandesa, expedições científicas, mineração, governo da Capitania de São Paulo, fronteiras do Sul, levantamento de riquezas naturais, culminando com aspectos do estágio cultural do Brasil, em momentos de grandeza econômica, que se revelam nas obras de Gregório de Matos Guerra e dos poetas da Inconfidência. Também aqui, alguns manuscritos são dados a conhecer pela primeira vez, recente que é sua identificação ou sua incorporação ao acervo, como os da luta pela restauração da Bahia ou os autógrafos de Filipe Camarão, Sebastião da Rocha Pita e Tomás Antônio Gonzaga.

Assim, completando-se os dois conjuntos de peças manuscritas, cremos que desse todo se levanta uma noção maior de arte e beleza, que se aplica mesmo à história de todos os tempos.

DARCY DAMASCENO
Chefe da Seção de Manuscritos

ILUMINURAS E MANUSCRITOS PRECIOSOS

1 EVANGELIÁRIO

Séc. XI-XII. Em grego. Letra semi-uncial. Pergaminho. 220 fls. 200 × 150 mm. É o mais antigo manuscrito da Biblioteca Nacional. Estudado por Bruce Metzger na *Revista Teológica do Seminário Presbiteriano do Sul*, n.º 2, nova fase, São Paulo ("Um manuscrito grego dos quatro Evangelhos na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro"). Doação de J. P. Calógeras em 1912.

2 BÍBLIA

Séc. XIII-XIV. Em latim. Letra gótica muito miúda. Velino. 567 fls. 2 col. 131 × 89 mm. Iniciais polícromáticas, ora simplesmente iluminadas, ora miniaturizadas, com figuras de santos, demónios e animais. Traz algumas correções à margem. O texto do Velho Testamento vai de fls. 4 v. a 425 r.; desta a fls. 524 r., o Novo Testamento. Ocorrem ainda Epístola e Prefácio de São Jerônimo, uma epístola apócrifa de São Paulo (*Epístola pauli ad laodicēnses*) e um índice alfabético de nomes próprios. Pertenceu ao Conde da Barca. Aquisição de 1822. *Catál. Címel., Mss., n.º 1*.

3 LIVRO DE HORAS

Séc. XIV. Em latim. Letra gótica. Pergaminho. 200 fls. 242 × 173 mm. Iniciais iluminadas a ouro e a cores. 32 miniaturas de página inteira, emolduradas em arabescos, e 13 outras me-

nores intercaladas no texto. Calendário em latim, com miniaturas para cada mês, que representam atividades próprias. Obra do artista Spinello Spinelli, no ano de 1378, conforme se lê no colofão. Estudado por Frei Sebastião Berge, O.F.M., em *Verbum*, t. II, fasc. I, março, 1945, Rio de Janeiro ("Um livro de horas do século XIV na Biblioteca Nacional"). Pertenceu à Casa do Infantado e passou à Real Biblioteca. *Catál. Címel., Mss., n.º 2*.

4 LIVRO DE HORAS

Séc. XIV-XV. Em latim. Letra gótica. Pergaminho. 160 fls. 173 × 124 mm. Iniciais iluminadas a ouro e a cores. 10 miniaturas grandes emolduradas em arabescos e 5 menores. Calendário em francês. Pertenceu à Casa do Infantado e passou à Real Biblioteca. *Catál. Címel., Mss., n.º 3*.

5 LIVRO DE HORAS

Séc. XV. Em latim. Letra semigótica. Pergaminho. 116 fls. 125 × 88 mm. Iniciais iluminadas a ouro e a cores. 1 miniatura grande e 6 páginas de texto iniciais emolduradas em arabescos. Calendário em latim. Traz um escudo heráldico na fl. Fundo antigo.

6 LIVRO DE HORAS

Séc. XV (ca. 1480). Em latim. Letra gótica. Pergaminho. 105 fls. 118 × 84 mm. Iniciais iluminadas a ouro e a

cores. 1 miniatura na fl. 1. Fundo antigo.

7 *Mariae Beatae Virginis Vita*

Séc. XV (1448). Letra humanística. Pergaminho. 28 fls. 170 × 113 mm. Iniciais iluminadas a ouro e a cores. Grande inicial (*P*) na abertura do texto. Trabalho inglês, provavelmente. Adquirido em 1914.

8 LIVRO DE HORAS

Séc. XV. Em latim. Letra gótica. Pergaminho. 101 fls. 220 × 132 mm. Iniciais iluminadas a ouro e a cores. 13 miniaturas grandes emolduradas em arabescos e 4 menores. Calendário em francês. Adquirido em 1947.

9 LIVRO DE HORAS

Séc. XIV-XV. Em latim. Letra gótica. Pergaminho. 132 fls. 190 × 130 mm. Iniciais iluminadas a ouro e a cores. 8 miniaturas grandes emolduradas em arabescos com anjos, figuras humanas e animais fantásticos. Calendário em francês. Pertenceu à Casa do Infantado e passou à Real Biblioteca. *Catál. Cimel., MS., n.º 4.*

10 LIVRO DE HORAS

Séc. XV. Em latim. Letra gótica. Pergaminho. 158 fls. 175 × 130 mm. Iniciais iluminadas a ouro e a cores. 12 miniaturas grandes emolduradas em arabescos. Calendário em francês. Da Real Biblioteca.

11 LIVRO DE HORAS

Séc. XV. Em latim. Letra gótica. Pergaminho. 80 fls. 165 × 115 mm. Iniciais iluminadas a ouro e a cores. 6 miniaturas grandes emolduradas em arabescos. Calendário em francês. Adquirido em 1906.

12 LIVRO DE HORAS

Séc. XV. Em latim. Letra gótica. Pergaminho. 63 fls. 180 × 132 mm. Iniciais iluminadas a ouro e a cores. 9 miniaturas grandes emolduradas em

arabescos. Horas de Nossa Senhora, da Santa Cruz e do Espírito Santo. Adquirido em fins do século XIX.

13 MISSAL

Séc. XV. Em latim. Letra gótica. Pergaminho. 66 fls. 223 × 170 mm. A três cores. Na fl. 1 v., um índice com a seguinte legenda em português: "Estas ssom as cousas que som scriptas em este lyro". Na última folha, por letra de início do século XVI, uma declaração: "Este myssal he de V.ºº fnz bacharel da see deuora, y p'or de Sam p.º dalfama de Lisboa". Adquirido em 1946.

14 SALTÉRIO E LIVRO DE HORAS

Séc. XV-XVI. Em latim. Letra gótica. Pergaminho. 199 fls. 225 × 150 mm. A três cores. 2 grandes iniciais (*B* e *T*) no começo de cada um dos livros, iluminadas a ouro e a cores. 1 grande miniatura no interior de cada inicial. Adquirido no século passado.

15 *Regla antigua de las hermanas y cofrades del santissimo sacramento y de las animas del purgatorio de la Yglesia de sanor san marcos desta ciudad de sevilla...*

Séc. XVI. Letra gótica. Pergaminho. 26 fls. 205 × 145 mm. Muito estragado pela água. Aprovada em 12 de abril de 1586 e seguida de *Reform. de algunos capitulos* (fls. 22 e seguintes). Adquirido em 1938.

16 SALTÉRIO E LIVRO DE HORAS

Séc. XIV-XV. Em latim. Letra gótica por diversas mãos. Pergaminho. 84 fls. 192 × 140 mm. A três cores. Iniciais iluminadas. 7 fls. prévias com anotações diversas, em português a maior parte; 23 fls. do saltério; 3 fls. com notas em português; 33 fls. de horas; 2 fls. em branco; 14 de texto e 2 fls. de notas. Tanto o saltério quanto o livro de horas está incompleto. Adquirido em 1899. (Col. J. A. Marques).

17 GRADUAL

Séc. XV. Em latim. Letra gótica. Pergaminho. 374 fls. 190 × 140 mm. A três cores. Notas marginais, em alemão, assinalam as festividades correspondentes a vários cânticos. Provém de algum convento franciscano. Pertenceu ao diplomata Salvador de Mendonça. Adquirido em 1915.

18 *Missae et Officia Divina cum cantu gregorianu*

Séc. XV (1490). Letra gótica. Pergaminho. 621 fls. 130 × 100 mm. A três cores. Compõe-se dos livros Sacramentário, Evangeliário, Epistolário e Antifonário (Gradual). O título acima foi dado por Frei Pedro Sinzig, O.F.M., que estudou o códice em *Musica Sacra*, ano IV, n.º 11, nov. de 1944 ("Um dos tesouros da Biblioteca Nacional"). Da Real Biblioteca.

19 CONFISSÕES DE DÉVIDA

Séc. XVI. Em francês. Letra gótica miúda. Pergaminho. 104 × 260 mm. o maior tamanho. Conjunto de cinco documentos emitidos em favor de Maistre François de Vigny, receveur da cidade de Paris. 1568-1578. Expõe-se também, sob o n.º 19 A, documento da mesma natureza, na mesma língua, mas do séc. XIV, que é o mais antigo manuscrito datado existente na Biblioteca Nacional (1370). Excelentes amostras caligráficas. Adquiridos em 1930.

20 *Liber de Contemptu Mundi*

Em português. Letra gótica do séc. XV. Pergaminho. 114 fls. 210 × 145 mm. Molduras iluminadas: largas iniciais em ouro e a cores, outras em vermelho e azul. No colofão, a fls. 114, lê-se, em meio a longa tirada: "Ev frey Joham danha pecador e nõ digno... escrevy e aluminey este livro..." O nome é desconhecido entre

os iluministas portugueses da época. Quanto à obra, é atribuída a Isaac, o Sírio, Bispo de Ninive, e apareceu em Galland (*Bibliotheca Patrum*), Migne (*Patr. Graecae*) e numa versão italiana (Florença, 1720). O motivo do menos-



prezo do mundo é freqüente na literatura edificante da Idade Média e o próprio título comum a várias obras. Adquirido em 1963.

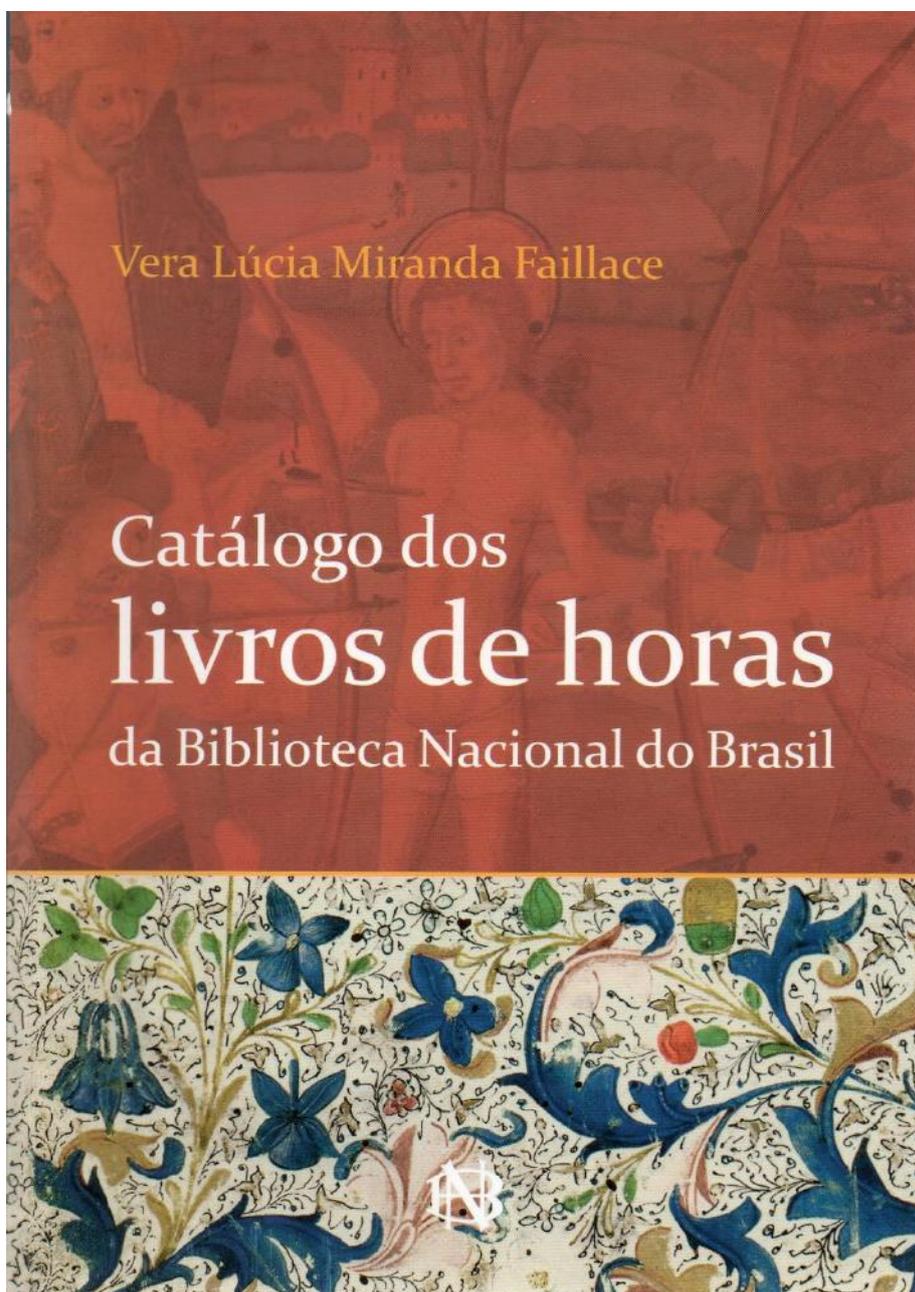
21 *Liber de Regimine Principum*

Letra semigótica do séc. XV. Pergaminho. 139 fls. 2 col. 295 × 195 mm. Iniciais iluminadas em vermelho e azul; uma delas também a ouro. O autor, Egídio de Colonna (ca. 1247-1316) foi discípulo de Tomás de Aquino e escreveu o tratado de governo para Filipe o Belo, antes de ele subir ao trono de França. Adquirido em 1893.

22 *Epistolae ad Familiares*

Letra humanística do séc. XV (1452). Pergaminho. 135 fls. 235 × 160 mm. Iniciais iluminadas em ver-

ANEXO B - Descrição dos Livros de Horas (Catálogo dos Livros de Horas da Fundação Biblioteca Nacional do Brasil, 2016, p.85-87)



com as palavras *explicitus est*, ou *explicit*, reminiscência ainda do rolo antigo: significavam que o manuscrito estava “desenrolado”. Antes do início do texto vinham as palavras: *hic incipit*, isto é, “aqui começa”, para explicar, logo em seguida, de que tratava o livro (MARTINS, 1996, p. 101). Caso não se encontre nenhuma identificação nessas fontes (partes) citadas, deve-se recorrer aos repertórios e catálogos especializados, como também aos especialistas nos diversos campos dos conhecimentos medievais.

A descrição externa, se comparada à descrição interna, é muito mais simples de se fazer, pois, no caso de ocorrer alguma imprecisão, isso não acarretará tantos transtornos ao pesquisador. Mas a descrição externa também deverá ser a mais correta possível, pois poderá servir de base para estudos históricos. Um dado fundamental dessa descrição é a data do manuscrito, mais especificamente a data da cópia que se tem em mãos. Caso apareça mais de uma data, uma no texto e outra no colofão, deve-se compará-las com as características internas e externas do manuscrito (primeiro o exame da escrita: tipo, forma, características, traçado, o sistema de abreviaturas, e segundo, a qualidade e preparação do suporte: numeração e ordenação dos cadernos, os reclamos, as assinaturas, as marcas do fabricante do papel, as ilustrações, etc.) e assim verificar qual data se refere à cópia. Outros dados da descrição externa de um manuscrito são: a foliação do manuscrito (número de fólios ou páginas e, em alguns casos, o número de volumes), as dimensões, a distribuição do texto na página (linha tirada ou colunas), o número de linhas, as características das ilustrações, ornamentação, etc.

Deve-se fazer constar também, em notas gerais, a história do manuscrito que está sendo descrito: sua procedência, anotações, características particulares que o distinguem de outras cópias, o tipo de manuscrito (autógrafo ou outro tipo de cópia), tipo de escrita, nome do copista e o lugar da cópia, suporte, detalhes da encadernação e estado de conservação.

É comum que as descrições no catálogo sigam a ordenação topográfica (localização física dos livros nas estantes), como nos catálogos de livros impressos. Sua recuperação deverá ser feita por índices, os quais devem ser bem detalhados.

Descrição dos livros de horas

Como é nosso propósito seguir as normas e padrões internacionais de controle, intercâmbio de informações e descrições bibliográficas automatizadas adotadas na Biblioteca Nacional do Brasil – que segue as normas americanas adotadas pela Biblioteca do Congresso Americano (American Library of Congress) – e, principalmente, para manter uma uniformidade com o que está sendo feito em matéria de descrição documental na Divisão de Manuscritos, optamos por desenvolver uma descrição que contemple esses princípios normativos e a diversidade do material a ser identificado.

No ano de 1998, após inúmeras reuniões internas, a então chefe da Divisão de Manuscritos, Carmen Moreno, implantou uma metodologia para a descrição de documentos na Divisão:

No bojo destas discussões, criou-se o embrião de uma estrutura de descrição que utilizava o formato MARC¹² na codificação da base de dados e a organizava segundo as normas ISAD.¹³ Toda esta compatibilização demandou vários estudos sobre as correlações do tratamento arquivístico, gerando um modelo de metadados que buscava integrar os conceitos utilizados na Arquivologia e na Biblioteconomia.¹⁴

Levando-se em conta também as normas adotadas pelas principais bibliotecas nacionais, sobretudo a Biblioteca Nacional de Portugal, adotaremos para a descrição dos livros de horas o *Código de Catalogação Anglo-Americano* (AACR2), a tradução para o português da segunda edição, em que o quarto capítulo se refere aos manuscritos. Essas regras foram estabelecidas pela American Library Association, em 1966, com o apoio da International Federation of Library Associations (Ifla). O AACR utiliza os princípios normativos da *International Standard Bibliographic Description* (ISBD), de 1987, de acordo com as regras estabelecidas pela International Standard Organization (ISO) para o tratamento de manuscritos, incluindo os medievais e renascentistas, abrangendo a totalidade das formas, suportes, tipologia e âmbito cronológico. Para catalogação em suporte eletrônico utilizaremos o formato MARC por ser, como já mencionamos, o formato adotado pela Biblioteca Nacional do Brasil.

Os oito livros de horas estão descritos no catálogo obedecendo à ordem topográfica (localização fixa) em que eles se encontram, fisicamente, no cofre da Divisão de Manuscritos. Segundo Pinheiro (2007, p. 33), “o sistema de localização fixa aplica-se a bibliotecas onde a conservação do livro é condição para a salvaguarda de seu conteúdo, porque os livros são organizados segundo sua materialidade.”

No caso da Biblioteca Nacional, a localização (notação, cota, número de chamada) é um conjunto numérico composto por três números, separados por vírgulas, onde cada número representa: o primeiro, o número do armário; o segundo, o número da prateleira e o terceiro, o número do item. Todos os livros de horas estão guardados em caixas confeccionadas na própria Biblioteca, cuja localização foi dourada na parte inferior da lombada. Todos os livros apresentam bom estado de conservação.

Uma sentença empregada comumente pelos profissionais da conservação de documentos retrata muito bem o que vem a ser o propósito do nosso catálogo: “Não

¹² *Machine Readable Cataloguing* (“catalogação legível por computador”).

¹³ *International Standard Archival Description* (“norma internacional de descrição arquivística”).

¹⁴ Comunicação apresentada por Carmen Moreno e Vinícius Martins no II Encontro de Bases de Dados sobre Informações Arquivísticas, no Rio de Janeiro, 2001, Fundação Casa de Rui Barbosa.

se pode preservar ou proteger o que não se conhece.” Catálogos são instrumentos de pesquisa que, além de descrever e localizar dados de um determinado acervo – no nosso caso uma coleção “reservada” –, servem também para registrar e difundir o patrimônio bibliográfico e documental de uma instituição cultural, aqui no caso a Biblioteca Nacional.

Os bens (materiais e imateriais) culturais, ou seja, aqueles que foram ou são valorados positivamente continuam exigindo uma análise que contribua para o nosso conhecimento do campo. Os bens culturais devem receber um tratamento que dê conta de sua historicidade, da atuação de pessoa e grupo responsáveis pela criação de instituições e políticas públicas direcionadas ao seu desenvolvimento. (OLIVEIRA, 2008, p. 189).

Trata-se de uma etapa, necessária e indispensável, que viabiliza o acesso, de uma maneira bastante eficaz a esses bens culturais, promovendo assim a sua valorização, difusão, intercâmbio e proteção.

